

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Evelyn Dantas Andrade Carvalho

PETER PAN: o menino que escolheu não crescer

Taubaté – SP
2019

Evelyn Dantas Andrade Carvalho

PETER PAN: o menino que escolheu não crescer

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Taubaté – SP

2019

EVELYN DANTAS ANDRADE CARVALHO
PETER PAN: O MENINO QUE ESCOLHEU NÃO CRESCER

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Data: 30/10/2019
Resultado: 10 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Orientadora - Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Assinatura Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Avaliadora - Profa. Dra. Cláudia Regina de Freitas

Assinatura Cláudia Regina de Freitas

Universidade de Taubaté

A Deus e ao meu esposo Vicente pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e ter me sustentando em um dos momentos mais difíceis da minha vida me auxiliando a encontrar novos sentidos (dentre eles a graduação em Psicologia), a reencontrar esperança, cercado-me de pessoas e profissionais acolhedores e amorosos que facilitaram esse momento de travessia. O meu desejo é poder utilizar esta profissão como instrumento de serviço ao próximo, a fim de que ele se sinta acolhido em sua dor com um dia eu também fui.

A esta universidade, seu corpo docente e coordenação pelo ambiente acolhedor que proporciona. Em virtude da minha experiência em outra graduação, em instituição diversa, posso assegurar que o curso de Psicologia da Unitaú é singular no sentido de que ao concluí-lo não apenas adquirimos conhecimento técnico, mas saímos cheios de experiências significativas em virtude da convivência diária com colegas, professores e coordenadores que certamente nos enriqueceram como pessoas e profissionais e certamente marcarão as nossas vidas.

À Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro pelo comprometimento com o qual orientou este trabalho e pela forma respeitosa, humana e sensível pela qual exerce a vocação louvável de ensinar. *Ensinar* vem do latim *insignare* que significa *gravar, colocar uma marca em*. Eu posso afirmar que a minha orientadora, por meio da sua atuação profissional, me marcou positivamente.

Ao meu esposo Vicente pelo amor, companheirismo, compreensão pelos momentos de ausência dedicados à graduação; e, apoio material, financeiro e emocional necessários ao alcance dos meus objetivos profissionais, sem os quais seria mais difícil alcançá-los. Ao seu lado eu pude encontrar o amor, o acolhimento e a paz necessários ao meu amadurecimento.

Ao meu cão Quincas por trazer alegria à minha vida e ser um amigo fiel. O Quincas foi adquirido em virtude de sugestão da minha psicóloga à época. Ele contribuiu consideravelmente para a minha melhora. Por conta disso, foi nomeado o meu cão terapeuta.

À minha mãe Eliete, heroína, por me encorajar a superar os desafios, incentivar nos momentos difíceis e ser fonte de inspiração pela coragem, disposição, honestidade, integridade, dedicação e amor ao que se propõe a fazer.

Ao meu pai Everardo, por me ensinar a amar os estudos. Desde muito cedo me estimulou a ler, a sonhar, a lutar pelos meus objetivos, a tornar-me independente e a ter um compromisso constante com o aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Ao meu irmão Ely, que por muito tempo também foi como um filho, a quem tive o privilégio de orientar e auxiliar em seu crescimento. Agradeço pelos momentos de descontração que vivemos juntos e pela oportunidade de hoje estarmos desenvolvendo uma relação mais horizontal, de irmãos.

À Angela Andrade, a minha primeira psicóloga, cuja atuação clínica sensível, humana e acolhedora foi um oásis no deserto em que me encontrava; foi decisiva para a minha escolha em cursar Psicologia; e, proporcionou encantamento pela clínica de abordagem fenomenológico-existencial.

À minha atual psicóloga Regina Mello pelo profissionalismo e dedicação com o qual conduz o meu processo de crescimento, fornecendo um ambiente *suficientemente bom* capaz de acolher e nutrir a minha criança interior, levando-me a gostar cada vez mais da clínica e despertando o meu interesse pela teoria desenvolvida por Winnicott.

Aos meus amigos que tornam a vida mais leve, especialmente aos amigos-irmãos do NossoPG: Andressa, Adriane, Aécio, Carolina, Daniela e Rafael por terem sido fonte de refrigério e alegria para a minha alma e pela conexão que ainda mantemos apesar da atual distância física; e à amiga-mãe Gláucia, unidas por Deus e pela graduação em Direito, pelo acolhimento e orientação nos momentos difíceis.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação: muito obrigada!

“Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas,
que já tem a forma do nosso corpo,
e esquecer os nossos caminhos,
que nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia:
e, se não ousarmos fazê-la,
teremos ficado, para sempre,
à margem de nós mesmos.”

Fernando Pessoa

RESUMO

O reconhecimento da infância como uma fase do desenvolvimento, com suas especificidades e peculiaridades, é fenômeno recente na história. As crianças, assim como os adultos, têm que lidar com os dramas existenciais humanos e se deparam também com temas como: angústia, desespero, medo, insegurança, morte, liberdade, escolhas, essência, dentre outros. Nesse sentido, os contos de fadas constituem instrumentos adequados e necessários no atendimento ludoterápico, sobretudo na abordagem fenomenológico-existencial, tendo em vista que apresentam de forma lúdica, fantasiosa, mágica e real um leque de temas existenciais com os quais a criança pode se identificar, de acordo com as demandas vividas. Em virtude disso, o estudo propõe uma análise da escolha existencial de não crescer e permanecer criança para sempre do personagem Peter Pan. Na leitura do conto procura-se compreender o mundo infantil, com as suas angústias e o desespero existencial, fenômenos com os quais o psicoterapeuta poderá ser confrontado no contexto de Ludoterapia de abordagem fenomenológico-existencial. O objetivo geral é a análise de temas existenciais presentes no conto de fadas *Peter Pan e Wendy* tendo em vista a compreensão do mundo infantil e suas angústias. Os objetivos específicos são: identificar e explicar os temas existenciais presentes no conto; analisar os temas existenciais encontrados de forma a obter melhor compreensão da infância; e, verificar a sua aplicabilidade ao atendimento clínico infantil. Esta pesquisa é da área do conhecimento das Ciências da Saúde, e teve como finalidade a Pesquisa Básica Pura e como propósitos mais gerais a pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. O delineamento empregado foi o da pesquisa bibliográfica. Os resultados apontaram que o conto de fadas *Peter Pan e Wendy* apresenta os temas existenciais: liberdade, solidão, essência, existência, morte, *ser-no-mundo* e sentido da vida, com enfoque à escolha existencial de não crescer, pertinentes à compreensão das dificuldades com as quais as crianças têm que lidar no seu processo de amadurecimento e ao suporte na elaboração dessas demandas pelo psicoterapeuta; e, os contos de fadas já são utilizados de modo satisfatório em atendimentos ludoterápicos. Concluiu-se que o conto de fadas *Peter Pan e Wendy* consiste em instrumento capaz de auxiliar o psicoterapeuta na compreensão e facilitação da elaboração dos conflitos existenciais trazidos pela criança no processo de Ludoterapia.

Palavras-chave: Escolha existencial. Peter Pan. Psicologia Fenomenológico-Existencial. Ludoterapia.

ABSTRACT

The acknowledgement of the infancy as a stage of human development, with its specificities and peculiarities, is a recent phenomenon in history. Children, as adults, has to deal with existential human dramas and may face existential themes as anguish, despair, fear, insecurity, death, freedom, choices, essence, among others. The fairy tales are applicable and required instruments in the ludotherapy service, especially in the existential-phenomenology psychology because of its own text characteristics that present in a ludic, fantastical, magical and even real ways several existential themes that provides to children the possibility of relating fictional aspects with their own situations, which may lead to self-recognition with the characters. This study proposes an analysis of the existential choice of the character Peter Pan for does not grow up and remain forever as a child. The reading of this fairy tale seeks to understand the children's world, with the anguish and existential despair, which is a phenomenon that the psychologists can deal with in the ludotherapy service in existential-phenomenology psychology. The main purpose of this study is the analysis of the existential themes in the fairy tale *Peter Pan and Wendy* to understand the children's world and its anguishes. The specific goals are to identify and to explain the existential themes in the fairy tale; to analyze the existential themes found to obtain a better acquaintance of the infancy; and, to verify its applicability to the ludotherapy service. This research belongs to the field of health science as aims a fundamental research. The method used was exploratory and qualitative research. The delineation was the bibliographic research. The results obtained showed that the fairy tale *Peter Pan and Wendy* present the existential themes freedom, solitude, essence, existence, death, *being-in-the-world* and sense of life, focusing on the existential choice of not to grow, in order to understand the difficulties that children may have to deal in their process of maturing and the support in the search for meaning of these demands by the psychotherapist; and, the fairy tales are already been used in a satisfactory way on ludotherapy service. In conclusion, the fairy tales *Peter Pan and Wendy* is an instrument capable to assist the psychotherapist through understanding and facilitating the process of finding meaning to the existential conflicts brought by children in psychotherapy.

Palavras-chave: Existential choice. Peter Pan. Existential-Phenomenology Psychology. Ludotherapy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 O MUNDO INFANTIL	14
2.2 BREVE HISTÓRICO DOS CONTOS DE FADAS	20
2.3 PETER PAN	21
2.4 TEMAS EXISTENCIAIS	25
2.4.1 Existência	27
2.4.2 Liberdade	28
2.4.3 Solidão	29
2.4.4 Essência	29
2.4.5 O <i>ser-no-mundo</i>	29
2.4.6 Morte	30
2.4.7 O sentido da vida	30
2.5 A LUDOTERAPIA E OS CONTOS DE FADAS	31
3 MÉTODO	34
3.1 TIPO DE PESQUISA	34
3.2 DELINEAMENTO EMPREGADO	34
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	35
3.3.1 Parâmetro temático	35
3.3.2 Parâmetro linguístico	35
3.3.3 Principais fontes	35
3.3.4 Parâmetro cronológico	42
3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	43
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
4.1 TEMAS EXISTENCIAIS NO CONTO DE FADAS	44
4.1.1 Existência	44
4.1.2 Essência	45
4.1.3 O sentido da vida	48
4.1.4 Solidão	49
4.1.5 O <i>Ser-no-mundo</i>	50
4.1.6 Liberdade	51
4.1.7 Morte	57
4.2 CONTOS DE FADAS E EXISTENCIALISMO	58
4.3 PETER PAN E LUDOTERAPIA	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64

REFERÊNCIAS.....65

1 INTRODUÇÃO

A infância demorou a ser reconhecida como uma fase do desenvolvimento humano, a ser considerada em suas especificidades e peculiaridades. Aos poucos a criança foi alçada à categoria de sujeito de direitos recebendo maior proteção e cuidado pelo âmbito jurídico, tornando-se alvo de estudos nas mais diversas áreas como a Medicina, a Pediatria e a Psicologia, por meio de estudos voltados ao desenvolvimento, aprendizagem e atendimento clínico formatado especialmente para crianças, se constituindo em uma área específica de atuação denominada Ludoterapia.

Contudo, ao destacar e proteger essa fase tão singular e decisiva do ser humano corre-se o risco de idealizar a infância, como sendo apenas um período de inocência, fantasias, sonhos, descobertas, desconsiderando a sua condição humana e, portanto, permeada de questões existenciais profundas e significativas. As crianças, assim como os adultos, têm que lidar com os dramas existenciais humanos e se deparam também com temas como: angústia, desespero, medo, insegurança, morte, liberdade, escolhas, essência, dentre outros.

Isto posto, faz-se necessário compreender as questões existenciais que incomodam as crianças no seu processo de crescimento. Nesse sentido, dentro da Literatura Infantil, os contos de fadas se constituem em instrumentos adequados e necessários no atendimento ludoterápico, sobretudo na abordagem fenomenológico-existencial, tendo em vista que apresentam de forma lúdica, fantasiosa, mágica e real um leque de temas existenciais com os quais a criança pode se identificar, de acordo com as demandas vividas.

Entre os muitos temas existenciais importantes a serem trabalhados e elaborados pelas crianças, existe um que merece destaque, pois trata-se de uma questão a ser enfrentada por todas as crianças, eventualmente. Esse dilema surge quando a criança descobre que um dia irá crescer, que terá que deixar os pais, sair de casa e seguir o seu próprio caminho, tornando-se adulto. Deste modo, nada melhor do que um conto de fadas que represente e personifique esse drama existencial, da escolha que toda criança terá que fazer (ou não) por deixar de viver o mundo infantil, crescer e tornar-se adulto. Em virtude disso foi escolhido o personagem Peter Pan tendo em vista que ele não queria crescer, mas permanecer criança para sempre, refugiando-se na Terra do Nunca.

Os contos de fadas servem como grandes aliados no trabalho psicológico com crianças, tendo em vista que geram identificação com os temas ali tratados, auxiliando na elaboração de questões existenciais importantes no desenvolvimento humano. Desta forma, o

problema de pesquisa consiste em saber: como os temas existenciais do conto de fadas *Peter Pan e Wendy* auxiliam na compreensão do mundo infantil?

O **objetivo geral** do estudo é analisar os temas existenciais presentes no conto como uma forma de compreender o mundo infantil e as suas angústias. Os **objetivos específicos** são: identificar e explicar os temas existenciais presentes no conto de fadas *Peter Pan e Wendy*; analisar os temas existenciais encontrados de forma a obter melhor compreensão da infância; e, verificar a sua aplicabilidade ao atendimento clínico infantil.

O estudo **inclui** a análise da Psicologia Fenomenológico-Existencial acerca dos temas existenciais representados no conto de fadas *Peter Pan e Wendy* a fim de compreender o mundo infantil e verificar a sua aplicabilidade ao atendimento clínico infantil com vistas a auxiliar a criança na elaboração de questões envolvendo os temas existenciais apresentados no conto. Todavia **excluem-se** as análises realizadas pela área da Educação.

O ser humano, em seu processo de constituição, rotineiramente irá se deparar com temas existenciais. Os contos de fadas podem ser utilizados como instrumentos que auxiliam na compreensão, bem como na elaboração desses temas pelas crianças. Ademais, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016) têm ocorrido um fenômeno relacionado à idade dos filhos (25 a 34 anos de idade) que coabitam com seus progenitores pelo prolongamento ou retorno à convivência com estes. Os indicadores sugerem que permanecer na casa dos pais está associado a maior grau de escolaridade, mas a literatura inclui aspectos psicológicos como dependência emocional e acomodação ao padrão de vida dos pais.

Logo, **justifica-se** a realização do estudo tendo em vista a **relevância social** ao reforçar a importância da leitura de contos de fadas pelas crianças em seu processo de crescimento e de tornarem-se pessoas; a **relevância científica** em razão da escassez de pesquisas na abordagem fenomenológico-existencial a respeito dos contos de fadas e o mundo infantil; e, a sua aplicabilidade no atendimento psicológico de crianças.

O trabalho se **organiza** da seguinte forma:

Na introdução será apresentado o tema a ser desenvolvido no estudo. Em seguida será anunciado o problema de pesquisa por meio de uma pergunta. Posteriormente, será realizada a delimitação e apresentada a relevância do estudo. Na revisão de literatura será feito um breve histórico sobre contos de fadas, ressaltando a sua aplicabilidade no atendimento psicológico de crianças; um resumo do conto de fadas *Peter Pan e Wendy*; uma concisa explicação dos temas existenciais presentes no conto de fadas *Peter Pan e Wendy*; e uma discussão sobre a utilização dos contos de fadas na Ludoterapia.

No método será explicado o planejamento metodológico da pesquisa, a coleta de dados e a análise dos resultados. Em seguida, teremos a discussão dos resultados ao analisar os temas existenciais encontrados no conto de fadas *Peter Pan e Wendy* de forma a obter melhor compreensão do mundo infantil.

Por fim, apresentaremos as considerações finais a respeito do assunto, buscando responder ao problema de pesquisa inicialmente proposto.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O MUNDO INFANTIL

Antes de introduzir o tema dos contos de fadas e da sua importância para a compreensão do mundo infantil é salutar apresentar uma breve história social da criança, notadamente acerca do surgimento do sentimento da infância, tendo em vista que essa fase do desenvolvimento nem sempre foi bem demarcada das demais.

Até meados do século XII a infância não era objeto de expressão artística. A criança era vista e retratada como um adulto em miniatura. E a infância consistia em uma breve passagem até a vida adulta que, por sua vez, era a fase que recebia maior enfoque. Somente por volta do século XIII aparecem representações de crianças mais próximas das que conhecemos hoje, contudo ainda limitando-se às imagens religiosas de Jesus e da Virgem Maria. Nos séculos XV e XVI as crianças ainda não eram retratadas sozinhas, porém já apareciam frequentemente nas pinturas de cotidiano, junto com os adultos. Em consequência da estrutura demográfica da época os adultos evitavam apegar-se muito às crianças, pois a taxa de mortalidade infantil era alta (ARIÈS, 1986).

Ao acompanhar a história da arte e da iconografia pode-se observar que a infância começa a aparecer no século XIII e segue evoluindo nos séculos XV e XVI, apresentando significativas mudanças a partir do fim do século XVI e em todo o século XVII, momento no qual, dentre outros, espalhou-se o costume de se fazer o retrato de crianças sozinhas, além de trazê-las como elemento central das fotos de família (ARIÈS, 1986).

Em relação ao traje das crianças, até o século XIII, também não havia diferenciação em relação aos adultos. Elas saíam dos cueiros (faixa de tecido envolta ao corpo) para as vestes de homem ou de mulher da sua hierarquia social. Não havia roupas destinadas ao público infantil como hoje as concebemos. Somente no século XVII as crianças nobres ou burguesas passaram a adotar um traje especial para a sua idade, distinto dos adultos. Contudo, essa diferenciação aplicava-se apenas aos meninos. E para ambos os sexos era presa na roupa duas fitas atrás dos dois ombros, chamadas de guias, para auxiliar aquelas que ainda não conseguiam andar. Essas mudanças nas vestes revelam um movimento no sentido de demarcar a infância, que no final do século XVI foi reconhecida como separada dos adultos, dando ensejo à formação do sentimento da infância (ARIÈS, 1986).

Hoje a infância é vista como uma fase de pureza e inocência devendo ser preservada pelos adultos, sobretudo a respeito de conteúdos sexuais. Porém, essa percepção não se

aplicava à época. Até por volta dos 7 anos de idade era comum as crianças brincarem com as suas partes sexuais e deixarem os outros o fazerem. Além disso as famílias dormiam na mesma cama. Apenas no século XV, com a difusão de correntes de ideias dos moralistas e dos educadores, mudou-se a disciplina tradicional das escolas. Gerson foi considerado um dos principais expoentes dessas ideias, indicando um interesse particular pela infância. Ele estudou o comportamento sexual das crianças a fim de que auxiliasse os confesores a despertar-lhes o sentimento de culpa e previu a modificação de hábitos educacionais como: só falar palavras inocentes; evitar que as crianças se beijassem; evitar a promiscuidade; não dormir com pessoas mais velhas na mesma cama, ainda que do mesmo sexo; e, as crianças deviam ficar sob constante vigilância (ARIÈS, 1986).

No século XVI surgem os livros destinados aos infantes por meio dos quais aprendiam a ler, a escrever, o latim, as boas maneiras e a civilidade. Entretanto, apenas no fim do século XVI alguns educadores proibiram a leitura pelas crianças de livros considerados duvidosos, nascendo a ideia de fornecer às crianças uma literatura especializada. Essa etapa foi muito importante haja visto que delimitou o respeito à infância. Esse mesmo cuidado também foi observado pelos católicos e protestantes, tanto na França como na Inglaterra (ARIÈS, 1986).

Ainda assim, foi unicamente durante o século XVII que ocorreu uma grande reforma nos costumes ao se impor a todos a consciência da inocência infantil, produzindo efeitos na literatura, que passou a ser moral e pedagógica, nas práticas de devoção e na reformulação da iconografia religiosa. A infância passou a ser vista como uma fase de fraqueza e inocência, reflexo da pureza divina, priorizando-se a educação, cuja nova concepção influenciou a literatura pedagógica do final do século XVII, resultando em duas atitudes morais: preservação da sexualidade e desenvolvimento do caráter e da razão. Entre o século XVII e o fim do século XIX o sentimento da infância também se revelou por meio do surgimento da cerimônia da primeira comunhão ao celebrar a inocência da criança e o entendimento racional dos mistérios religiosos. A partir do século XVIII o conceito de inocência infantil era amplamente aceito. E a partir do século XX o sentimento em relação à infância começa a ser associado ao primitivismo e ao irracionalismo (ARIÈS, 1986).

A ausência de reconhecimento do sentimento da infância na Idade Média não implicava na negligência ou abandono das crianças, mas na falta de uma consciência voltada ao atendimento das necessidades específicas dessa fase do desenvolvimento de modo que mal a criança deixava os cueiros, já ingressava no mundo adulto. Esse sentimento da infância consistiu em fonte de distração para os adultos que passaram a mimar as crianças, inclusive

adotando apelidos que demonstravam carinho. Além disso surgiu o interesse psicológico e moral sobre a infância (ARIÈS, 1986).

Estabelecida a origem e o reconhecimento do sentimento da infância é relevante apresentar um panorama geral atual dessa etapa tão importante do desenvolvimento humano, sob o enfoque da psicologia do desenvolvimento. Papalia, Feldman e Martorell (2013) a dividem em três períodos: Primeira Infância, Segunda Infância e Terceira Infância.

A Primeira Infância compreende desde o nascimento até os 3 anos de idade. Nesse período o cérebro se torna mais complexo e sensível ao meio ambiente, o crescimento físico e motor ocorre de modo mais acelerado, a criança consegue aprender, compreende e usa a linguagem; e por volta do final do segundo ano de idade desenvolve a capacidade de usar símbolos e resolver problemas (PAPALIA; FELDMAN; MARTORELL, 2013).

A Segunda Infância é o período que vai dos 3 aos 6 anos de idade e se caracteriza pelo crescimento constante; pode haver a diminuição do apetite e distúrbios do sono; a criança começa a utilizar mais as mãos, aprimorando as coordenações motoras finas e gerais; há o aumento de força física. O pensamento é mais egocêntrico passando aos poucos a compreender o ponto de vista dos outros. Apresenta imaturidade cognitiva o que pode levar a expressar ideias sem lógica sobre o mundo. A memória e a linguagem são aprimoradas. Normalmente é iniciada a primeira experiência além do círculo familiar com a ida ao jardim de infância. Tornam-se mais complexos o autoconceito, o entendimento das emoções e a autoestima é global. Elas são mais independentes, tomam iniciativa e têm autocontrole. As crianças desenvolvem a sua identidade de gênero. O brincar torna-se mais sonhador e social. É comum demonstrarem altruísmo, agressão e temor. As outras crianças começam a ser vistas como mais importantes, apesar de a família continuar sendo a prioridade da sua vida social (PAPALIA; FELDMAN; MARTORELL, 2013).

A Terceira Infância inicia aos 6 anos e vai até os 11 anos, o crescimento fica mais lento, aumentando a força física e as habilidades atléticas; são comuns as doenças respiratórias, apesar de a saúde ser melhor do que em qualquer outra fase do desenvolvimento. O egocentrismo diminui. As crianças começam a usar a lógica concreta. A memória e a linguagem se aprimoram. Os avanços cognitivos permitem que a criança comece a obter maior proveito da instrução formal da escola. Contudo algumas crianças podem necessitar de atenção especial. O autoconceito é aprimorado, impactando na autoestima. Aos poucos o controle de regras exercido pelos pais vai passando à criança. Os demais colegas passam a ter importância fundamental (PAPALIA; FELDMAN; MARTORELL, 2013).

A infância, como demonstrado, é uma fase do desenvolvimento repleta de desafios não somente de ordem fisiológica, mas principalmente psicológica e emocional. As mudanças vivenciadas pelas crianças ao longo da infância são fonte de problemas existenciais como medo, angústia, solidão, dúvida, insegurança, abandono, ciúmes, morte, essência, pertencimento, busca de sentido, aceitação e etc.

O austríaco Bruno Bettelheim, em sua obra *A psicanálise dos contos de fadas* (2018), apresenta a importância dos contos maravilhosos na elaboração de angústias e dilemas existenciais. Ele foi o pioneiro ao interpretar os contos de fadas à luz da teoria psicanalítica e a defender a sua utilização pelas crianças como forma de auxiliar na simbolização dos conflitos íntimos vividos.

No mesmo sentido o casal Diana e Mário Corso, na obra *Fadas no divã* (2006), afirma que os contos de fadas conseguiram sobreviver mesmo em meio ao mundo tecnológico no qual as crianças deste século nascem inseridas e defendem o seu poder de facilitar a simbolização e solução dos conflitos psíquicos inconscientes, também presentes nas crianças dos nossos dias.

Os contos de fadas são um instrumento valioso a ser utilizado pela criança tendo em vista que dão acesso a um significado mais profundo dos conflitos existenciais experimentados nesse estágio do desenvolvimento. Além de despertar a curiosidade, os contos estimulam a imaginação, auxiliam no desenvolvimento intelectual e no esclarecimento das emoções; relacionam-se com as ansiedades e as aspirações infantis; revelam as suas dificuldades enquanto fornecem soluções às suas inquietações. Eles se conectam com todos os aspectos da personalidade infantil ao mesmo tempo em que aumentam a confiança da criança em si mesma e em sua capacidade de lidar com os problemas futuros (BETTELHEIM, 2018).

Bettelheim (2018) defende o uso dos contos de fadas pelas crianças porque eles não evitam tocar em problemas existenciais como as histórias modernas fazem, mas transmitem a mensagem realista de que a vida é repleta de dificuldades, já que elas fazem parte da condição humana. Além disso passam a mensagem de que apesar dos desafios se a criança não se deixar abalar pelos obstáculos e os enfrentar determinadamente, ainda que as provações sejam inesperadas e injustas, conseguirá dominar os contratempos alcançando um fim vitorioso.

A esse respeito, no prefácio à obra *Fadas no divã* (2006), Maria Rita Kehl pontua:

Os contos que aparentemente não correspondem a questões do mundo atual interessam à criança, sempre aberta a todas as possibilidades de existência e capaz de identificar-se com as personagens mais bizarras e as narrativas mais extravagantes. Como a criança ainda não delimitou as fronteiras entre o existente e o imaginoso, entre o verdadeiro e o verossímil (fronteiras estabelecidas, em parte, pelo

recalque das representações inconscientes), *todas as possibilidades da linguagem lhe interessam* para compor o repertório imaginário de que ela necessita para abordar os enigmas do mundo e do desejo. (CORSO; CORSO, 2006, p. 18, grifo do autor)

Os contos, apesar de representarem um mundo distante do atual, interessam à criança tendo em vista que elas são abertas a outras formas de existir no mundo por meio da identificação com as personagens extravagantes e as narrativas surreais. Elas ainda estão desenvolvendo as noções do que é real e imaginário, lógico e ilógico, de forma que são atraídas pelas histórias maravilhosas veiculadoras dos temas existenciais vivenciados. Elas continuam interessadas no mistério, no medo, no risco da morte, na curiosidade e na coragem como defesa da sobrevivência. Não é à toa que elas pedem para os pais repetirem as partes mais assustadoras dos contos de fadas e lembram mais dos vilões do que dos mocinhos.

Os significados dos contos de fadas são únicos, diferentes para cada pessoa e para os vários momentos da vida. A história mais importante para a criança é aquela que melhor representa o seu estágio psicológico de desenvolvimento e os problemas existenciais que mais lhe incomodam. Em virtude disso, são aplicáveis a crianças de todas as idades e sexos. O importante é que a criança escolha o conto com o qual mais se identifica (BETTELHEIM, 2018).

Os contos de fadas se assemelham ao mito uma vez que dão um poder de imaginação às crianças e um elemento maravilhoso capaz de multiplicar os sentidos por meio das culturas e épocas, formando um conjunto de histórias pelas quais a humanidade se identifica. “Os contos são formados como imagens de um caleidoscópio, o que muda são as posições dos elementos” (CORSO; CORSO, 2006, p. 33).

O mito pode ser considerado uma narrativa especial, de tempos antigos, algo inacreditável, fora da realidade, aquilo que esconde alguma coisa. Apesar de muitas vezes ser considerado sem valor e assumir conotação negativa, o seu valor repousa na eficácia social. A interpretação dos mitos é utilizada pela Antropologia, tendo como principal porta-voz Lévi-Strauss, como forma de compreender um determinado contexto social. A Psicanálise recorreu aos mitos, como o famoso mito do Édipo, para desenvolver a sua teoria do complexo de Édipo. A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung denomina de inconsciente coletivo esse conjunto de mitos que representam a experiência humana (ROCHA, 1996).

Marie-Louise von Franz, analista junguiana que se tornou referência em contos de fadas, afirma que estes são os melhores representantes da “estrutura psicológica elementar do homem” (1985, p. 16), ultrapassando os mitos e a literatura. A autora explica que apesar de o

mito integrar a civilização, são os contos de fadas que conseguem maior abrangência e deslocamento tendo em vista a sua característica elementar, detentora de “elementos estruturais básicos” (p. 17) capazes de promover sentido e cativar a todos que os escutam, indistintamente. Além disso, acrescenta que os contos de fadas também sofrem menos influência da civilização se comparados aos mitos. Von Franz (1985) pontua que a atual designação dos contos de fadas como literatura infantil justifica-se pelo fato de a nossa civilização encarar o material arquetípico como infantil.

Von Franz (1990) entende o conto de fadas como representação arquetípica, pois segundo a teoria junguiana as imagens arquetípicas dão indícios acerca dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. A autora compreende que os conteúdos mitológicos, dentre os quais se incluem os contos de fadas, revelam à consciência um material cultural significativo atingindo as estruturas básicas da psique humana. Os contos descrevem um fato psíquico, porém, em virtude da sua complexidade, requerem as suas repetições por meio de várias versões até que esse fato desconhecido chegue à consciência.

Rollo May é um psicólogo existencialista que apreciava as contribuições da psicanálise, porém concluiu que o existencialismo condizia mais com as vivências do ser humano em crise. Ele escreveu a obra *A procura do mito* (1992) na qual defende que a terapia está totalmente relacionada ao problema da busca individual de mitos, que é o nosso modo de encontrar sentido e significado para a vida. Os mitos são o modo pelo qual a nossa sociedade se torna uma só devido aos seus aspectos eternos e comuns a todos os indivíduos. O mito é capaz de integrar em sua narrativa os dramas existenciais da vida, pois são transmitidos de uma época para outra. O mito ultrapassa o tempo e é válido às pessoas de diferentes idades e religiões.

Rollo May (1992) classifica a contribuição dos mitos em quatro tópicos: sentido de identidade pessoal, ao levar ao questionamento de quem se é; sentido de comunidade, pois os mitos evidenciam a lealdade à nossa história e origem; fortalecimento de valores morais, sem os quais a sociedade viraria um caos; modo de lidar com o mistério da criação, não somente a criação do universo, mas também relacionando-se com a criatividade e inventividade.

Nesse sentido, os contos de fadas oferecem mais do que a função educativa ou recreativa para as crianças ao se mostrarem como fontes de identificação com os problemas existenciais sofridos, respostas às dúvidas e incertezas e auxílio na busca de sentidos. Os contos também podem servir como instrumentos para a elaboração de temas existenciais, a fim de que a criança possa desenvolver os sentimentos de: pertencimento, identidade pessoal, sentido de comunidade e fortalecimento de valores.

2.2 BREVE HISTÓRICO DOS CONTOS DE FADAS

A Literatura Infantil e a vasta oferta de livros voltados ao público infantil como é conhecida hoje nem sempre foi assim, pois a sua origem está no mito, na transmissão oral, começando na Grécia, a seguir em Roma, com as fábulas, as lendas dos heróis e as aventuras que eram veiculadas dos antepassados adiante. A transmissão da narrativa oral surgiu com a necessidade do homem de dar explicação aos fatos ocorridos, quando a ciência ainda não utilizava o método científico como parâmetro definidor do que é conhecimento. O mito supria essa lacuna valendo-se da imaginação (GÓES, 1984).

A lenda também era muito utilizada pelo homem para explicar os fatos naturais que não conhecia e muito menos podia explicar. O mito tem a característica de ser trágico enquanto as lendas têm um final maravilhoso, sobrenatural, apresenta uma fatalidade. Tanto as lendas mitológicas quanto as lendas históricas assumem importância, notadamente na Idade Média (GÓES, 1984). Esse período em que predominava o uso da imaginação “[...] criou a primeira literatura: a dos mitos, lendas, sagas, cantos, rituais, contos maravilhosos, novelas de cavalaria, etc.” (COELHO, 1987, p. 32) ficou conhecido como a infância da humanidade. Não é de estranhar que esse conteúdo de natureza encantada tenha naturalmente “encantado” as crianças e se transformado em Literatura Infantil (COELHO, 1987).

Entretanto, Coelho (1987) afirma que a ênfase no conhecimento científico se alterna com épocas de descrença nas verdades científicas, quando são redescobertas a fantasia, a imaginação e a magia. E a literatura vai sendo influenciada por esses movimentos: ora de fantasia - como no século XVII até o Romantismo, com a inclusão do sentido maravilhoso aos contos populares – ora com foco no realismo cotidiano, construindo narrativas com base nos fatos reais.

À medida que a ciência avança o Realismo (final do século XIX até os anos 50 do século XX) domina a literatura com tendência realista e experimental. Nos anos 60, com a era dos computadores e o homem dominando o espaço, a visão realista se sobrepõe à da fantasia. Contudo, o acelerado desenvolvimento tecnológico e científico não dá conta de representar todas as formas de existência humana dando espaço para a fantasia, o sonho, a magia, a imaginação e etc. O “maravilhoso” retorna à Literatura e hoje as duas tendências coexistem com igual força e vivacidade.

Cademartori (1987) apresenta o francês Charles Perrault (1628-1703) como aquele que deu o pontapé inicial para a literatura infantil, notadamente ao que hoje se constitui como conto de fadas. No século XVII Perrault, criador de *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*

dentre outros, reúne vários contos e lendas da Idade Média e os adapta, formando os contos de fadas como os conhecemos hoje.

No século XIX, na Alemanha, os famosos irmãos Grimm elaboram outra coletânea de contos populares, dentre eles *João e Maria* e *Rapunzel*, ampliando o leque dessas narrativas (CADEMARTORI, 1987). Os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) reencontram a poesia primitiva, redescobrem os mitos e dão valor artístico à fantasia dos homens. Eles são os primeiros a recuperar os contos do italiano Giambattista Basile, traduzindo alguns deles para o alemão (GOÉS, 1984).

Em seguida, vai surgindo na Europa um movimento de narrativas maravilhosas como as do dinamarquês Cristian Andersen (1805-1875), que pertenceu ao romantismo, trabalhou sozinho e criou, dentre outros, os contos *O patinho feio* e *Os trajes do Imperador*. Ele é também considerado “o poeta das fadas” (GOÉS, 1984, p. 69). Na Itália Carlo Collodi (1826-1890), pseudônimo de Carlo Lorenzini, fica famoso por escrever *Pinóquio*. O inglês Lewis Carroll (1832-1898) se consagra com *Alice no país das maravilhas*. O americano Frank Baum (1856-1919) se populariza com o livro infantil *O mágico de Oz*. E finalmente o escocês James M. Barrie (1860-1937) contribui com *Peter Pan e Wendy* (1911) completando o elenco de referências da literatura infantil ocidental (CADEMARTORI, 1987; GOÉS, 1984).

A peça *O menino que não queria crescer* foi apresentada no teatro em 1904 e seu sucesso consagrou Barrie mundialmente (GOÉS, 1984). Posteriormente o autor produziu duas novas obras: o conto *Peter Pan in Kensington Gardens* (1906) e o livro para crianças *Peter Pan e Wendy* (1911). A sua popularidade levou Monteiro Lobato a traduzir e reelaborar o conto no Brasil (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987). Nessa sequência podemos constatar que os personagens Peter Pan, Capitão Gancho e Fada Sininho, com a narrativa de exaltação da infância nostálgica e mais que isso, de uma escolha existencial de não crescer refugiando-se na Terra do Nunca, se inserem no domínio dos contos de fadas cuja trama será apresentada a seguir.

2.3 PETER PAN

O livro *Peter Pan e Wendy* de James Matthew Barrie (1860-1937), publicado em 1911, narra a história desses personagens e suas aventuras pela Terra do Nunca. A família de Wendy morava na casa de número 14 e a sra. Darling, sua mãe, guardava um beijo no canto direito que ela nunca conseguiu ganhar. O sr. Darling trabalhava com ações. Os seus filhos,

por ordem de nascimento, foram: Wendy, João e Miguel. Wendy descobriu logo cedo que iria crescer.

Um dia, enquanto seus pais tinham saído para um jantar, Wendy, Miguel e João conheceram Peter Pan e a sua fada Sininho. Peter e a fada tinham entrado no quarto das crianças para procurar pela sombra perdida de Peter. Em outro dia Naná, cachorra e babá das crianças, havia abocanhado a sua sombra. Quando finalmente a encontrou Peter chorou, pois não conseguia mais grudá-la em si mesmo. Ouvindo o choro Wendy despertou e o ajudou costurando a sombra nos pés do menino. Ele disse que o seu nome era apenas Peter Pan e que morava na segunda à direita e sempre em frente até o dia amanhecer. Ele falou que não recebia cartas, não tinha mãe e nem tinha vontade de ter, achava que davam às mães um valor exagerado. Wendy achou aquilo tudo uma tragédia.

Enquanto conversavam Peter falou para Wendy que não sabia quantos anos tinha, apenas desconfiava, já que havia fugido de casa no dia em que nasceu. Ele disse que ouviu os seus pais conversando sobre o que ele deveria ser quando crescesse, mas ele não queria crescer, sempre quis ser criança e se divertir. Por isso, passou a viver muito tempo no parque Kensington com as fadas. Peter se parecia muito com o beijo da sra. Darling, mãe de Wendy. Ele era um amor de menino, vestido de folhas e coberto da seiva das árvores. Mas o que mais fascinava eram os seus dentes, todos de leite.

Peter Pan confessou que sempre aparecia na janela de Wendy para ouvir as histórias que eram contadas antes deles dormirem. Ele disse que onde vivia, na Terra do Nunca, os Meninos Perdidos adoravam histórias e convidou-a a ir com ele para contar-lhes histórias, costurar suas roupas e fazer-lhes bolsos. Então acordaram Miguel e João. Peter jogou poeira de fadas neles para que pudessem voar; e os quatro saíram pela janela em direção à Terra do Nunca.

As crianças voaram por vários dias até a ilha e com muita prática conseguiram aprender a dormir durante o voo, assim como Peter. Em alguns momentos Peter Pan esquecia deles, procurava outras aventuras e depois voltava. Wendy, João e Miguel reconheceram a ilha de imediato e a cumprimentaram como a alguém familiar. Enquanto desciam Peter contou sobre o chefe dos piratas chamado Capitão Jaime Gancho. Ele usava um gancho de ferro no lugar da mão direita.

Na ilha viviam seis Meninos Perdidos: Beicinho, Peninha, Magrela, Cachinho e os Gêmeos. A quantidade de meninos variava em função das mortes e também porque Peter Pan matava os que estavam crescendo. E como eles não podiam parecer com o chefe em nada,

vestiam peles de urso. Eles moravam em uma casa subterrânea cujas entradas eram buracos do tamanho de cada um, feitos nos troncos de sete árvores enormes.

Na ilha também viviam os piratas liderados pelo temível Capitão Gancho, com quem Peter Pan tem que lutar. No rastro dos piratas estavam os peles-vermelhas liderados pelo Grande Pantera Pequena e na retaguarda a princesa Raio-de-Sol. Depois deles apareciam as feras e um crocodilo enorme fechava o ciclo.

O crocodilo era o terror do Capitão Gancho, pois Peter Pan cortou a mão do capitão, o crocodilo a comeu e desde então queria devorá-lo por inteiro. O animal engoliu um relógio que faz tique-taque, deste modo sempre que ele se aproximava o capitão tinha tempo de fugir. E por isso o Capitão Gancho odiava tanto a Peter Pan.

Os Meninos Perdidos ficaram muito felizes com a chegada de Wendy e era como uma mãe para eles. Ela cozinhava, contava histórias para eles dormirem, costurava suas roupas. Wendy era chamada de mãe e Peter Pan de pai. Na Terra do Nunca eles viveram muitas aventuras. Peter chegou até mesmo a salvar a princesa dos peles-vermelhas, Raio-de-Sol, das mãos dos piratas.

Um dia Wendy resolveu contar a sua própria história aos meninos e falou que a mãe sempre deixava a janela aberta para os filhos entrarem, quando retornassem das suas aventuras. Peter não gostava dessa parte da história, pois havia dito que a janela do seu quarto estava fechada quando ele voltou. Ele contou que a sua mãe o havia esquecido completamente e outro menino estava deitado em sua cama. Após ouvirem a história Miguel e João – com medo de que a sra. Darling os houvesse esquecido - pediram a Wendy para voltar à casa e ela concordou. Todos os Meninos Perdidos também decidiram regressar com eles, exceto Peter Pan que ficou muito magoado, mas fingiu que não se importava com a partida dos demais.

Peter estava furioso não com os Meninos Perdidos, Wendy e seus irmãos, mas principalmente com os adultos que sempre estragavam tudo. Então foi para a sua árvore e respirou bem depressa, mais ou menos cinco vezes por segundo. Na Terra do Nunca dizem que toda vez que alguém respira, um adulto morre. Antes de sair Wendy insistiu para que Peter os acompanhasse e ele encontrasse a sua mãe. Porém, ele disse que não queria, pois a sua mãe podia dizer que ele cresceu e ele não queria crescer, queria ser menino para sempre e se divertir muito.

Sininho ia guiar todas as crianças de volta para casa, porém os piratas começaram a lutar com os peles-vermelhas que guardavam os Meninos Perdidos desde que Peter salvou a princesa Raio-de-Sol. Ocorreu um massacre. Mas o capitão queria mesmo era Peter, Wendy e sua turma, principalmente Peter Pan. Como o capitão já havia descoberto a casa subterrânea e

esperava apenas o momento certo de agir, aguardou nas entradas da casa (que eram os buracos feitos nas árvores com a medida de cada um). Os meninos foram aos poucos saindo da árvore e caindo nas garras dos piratas. Wendy foi a última a sair, mas foi tratada de modo diferente.

O Capitão Gancho teve uma sacada genial ao perceber que Magrela, mesmo sendo “inchado”, conseguia entrar no buraco feito na árvore e logo deduziu que ele conseguiria passar por lá também. O capitão, então, entrou na casa subterrânea e lá encontrou Peter Pan dormindo, colocou veneno no seu remédio (era apenas água) que Wendy havia deixado. Quando ele estava prestes a tomar o líquido, Sininho o impediu tomando todo o conteúdo da xícara em seu lugar. A luz da fada começou a enfraquecer e Peter chorou muito. Ele se dirigiu a todas as crianças que podiam estar sonhando com a Terra do Nunca e perguntou se elas acreditavam em fadas e pediu para que batessem palmas. Muitas crianças bateram palmas e Sininho foi salva.

Em seguida foram salvar Wendy e os Meninos Perdidos que estavam no temível barco do capitão e de seus piratas. Peter Pan valeu-se da imitação da voz do capitão, pois ele podia fazer o que desejasse e do tique-taque do relógio semelhante ao que estava na barriga do crocodilo para enganar o capitão e os seus piratas a fim de libertar a todos. Ao final, teve a tão desejada luta com o capitão, que dessa vez seria a última. Em um momento a espada do capitão caiu; Peter a pegou e a devolveu. O Capitão Gancho perguntou quem ele era, mas ele não tinha a menor ideia. Duelaram bravamente. Ao final, quando o capitão percebeu que não teria chance, pulou no mar sem saber que o crocodilo o aguardava.

No dia seguinte todos se aprontaram para voltar à casa. A sra. Darling esperava toda noite pelas crianças e sempre deixava a janela aberta para quando regressassem. Peter e Sininho deram um jeito de despistar os demais, chegaram antes à casa de Wendy para fechar a janela do seu quarto e trancá-la, desta forma quando Wendy chegasse e visse a janela fechada teria que voltar e ficar para sempre na Terra do Nunca. Após tentar persuadir a sra. Darling de que deveria ficar com a Wendy, Peter assumiu que tinha perdido, destrancou a janela e quando Wendy, João e Miguel chegaram, conseguiram entrar pela janela aberta.

Em relação aos Meninos Perdidos eles ficaram lá embaixo esperando que Wendy convencesse os seus pais a ficar com eles. Os sr. e a sra. Darling aceitaram. Peter viu Wendy mais uma vez antes de partir. A sra. Darling o convidou para ficar com eles também, porém ele disse que não queria ter que “ir para a escola aprender um monte de coisas chatas” (BARRIE, 1988, p. 150), disse que não queria ser homem, muito menos ter barba. A sra.

Darling estendeu-lhe os braços, mas ele disse que ninguém iria lhe prender ou obrigá-lo a ser homem.

Desse dia em diante eles combinaram que na primavera de cada ano Peter viria buscar Wendy para fazer faxina na Terra do Nunca. No ano seguinte ele não veio. Apareceu no próximo ano, mas Peter não lembrava que havia esquecido de vir no ano anterior. Essa foi a última vez em que se viram. Quando se reencontraram Wendy havia crescido e estava casada “por sua livre e espontânea vontade” (BARRIE, 1988, p. 153). Wendy teve uma filha chamada Jane. Logo que começou a fazer perguntas, quis saber tudo sobre Peter Pan.

Em uma noite Peter Pan voltou e chorou quando Wendy contou que havia crescido. Então Jane acordou e ela quem foi fazer a faxina de primavera na Terra do Nunca com Peter. Jane também cresceu e teve uma filha chamada Margaret. E na primavera Pan voltava para buscá-la para a faxina de todos os anos. E quando crescer, Margaret também terá uma filha que será a nova mãe de Peter, “enquanto as crianças forem alegres, inocentes e sem coração” (BARRIE, 1988, p. 158).

2.4 TEMAS EXISTENCIAIS

A psicoterapia fenomenológico-existencial tem como fundamentos para a compreensão do homem a fenomenologia, a filosofia da existência e a hermenêutica segundo as quais o homem existe como possibilidade de estar no mundo (FEIJOO, 2000). Em consonância com Feijoo (2000) o *eu* deve ser entendido de acordo com o pensamento de Kierkegaard no sentido de movimento, um constante vir a ser em sua relação com o mundo, com as limitações e com as possibilidades da existência. A autora acrescenta que esta proposta psicoterapêutica também encontra fundamento em Heidegger à medida que os distúrbios do homem derivam da sua dificuldade de flexibilização e de conflitos relacionados à liberdade.

Deste modo a psicoterapia fenomenológico-existencial leva em consideração o pensamento heideggeriano no tocante à técnica empregada: o método fenomenológico, a hermenêutica e a estrutura da *pre-sença*, além das concepções kierkegaardianas sobre a relação terapêutica que visa a levar o homem a reconhecer a si mesmo (FEIJOO, 2000).

O método fenomenológico adotado por Heidegger é inspirado em Husserl como instrumento de investigação do fenômeno. A palavra método aqui é entendida como o sentido, pois se propõe a buscar o fenômeno que se revela. A hermenêutica é um instrumento que facilita a ação do homem, busca o desvelamento do sentido do que se fala, é um processo de

compreensão do fenômeno. O que se busca é a *pre-sença* não como algo fechado, mas a sua essência, seja ela como aparência ou como manifestação. Heidegger propõe que comecemos das evidências do sentido do que se apresenta para a fundamentação, sendo conhecido o que se mostra sem presumir que existe algo além, uma análise da existência (FEIJOO, 2000).

A respeito do papel do terapeuta nessa abordagem Ana Maria Lopez Calvo Feijoo afirma que: “o psicoterapeuta, no lugar do artesão, atuaria como tal em uma criação de um discurso mediante, no qual residiria sua criação poética, permitindo que aquele que deseje reencontrar-se, se dê a conhecer” (2000, p.105).

O psicoterapeuta fenomenológico-existencial apenas realiza a mediação, facilitando o processo de desvelamento do ser, do fenômeno que se desvela, à medida que se reencontra, se conhece e se abre às possibilidades de *ser-no-mundo* (*Dasein*) em constante mudança, pois nada é definitivo. Entende-se que o homem esquece de quem é e se perde, permitindo o surgimento de problemas psicológicos. A função do terapeuta, deste modo, é facilitar o surgimento do ser.

O tema da *pre-sença* em Heidegger, abordado na obra *Ser e tempo* (1927), se refere à abertura às possibilidades do existir autêntico. Quando o homem se esquece do ser ou perde-se no *ente* vive segundo o que o mundo determina tornando-se impessoal, impróprio e inautêntico, esquecendo-se da sua liberdade fazer escolhas. A *pre-sença*, por meio da angústia, clama pelo reconhecimento de si como um *ser-para-a-morte*. Por isso o caminho da fenomenologia investiga a *pre-sença*, por meio da hermenêutica de Heidegger buscando o sentido do que se desvela na fala (FEIJOO, 2000).

Feijoo, ao apresentar o tema da constituição do eu de Kierkegaard, dispõe que

A psicoterapia ora proposta consistirá em mobilizar os paradoxos da existência, uma vez que aquele que está em desespero, no sentido de lutar para resolver as ambiguidades da existência, encontra-se paralisado. Debate-se contra si mesmo. Cabe, então ao psicoterapeuta reconhecer a estagnação do cliente e, através do desvelamento, facilitar o reconhecimento da ausência de movimento do eu. O cliente deverá vir a reconhecer que sua existência se estabelece na dialética do finito e infinito, do eterno e do temporal, do necessário e dos possíveis e mais: da razão e da paixão, do singular e do universal, do acaso e do autodeterminado. E que nem ele, nem nenhum homem, se constitui como um eu fechado: existir sempre implica em abertura. Fechar-se implica em deixar de existir, nas palavras de Kierkegaard, em perda do eu (FEIJOO, 2000, p. 113 e 114).

A psicoterapia de base fenomenológica, portanto, tem como base o desespero e a angústia do cliente acerca das questões existenciais que o paralisam e visa mobilizar todos os aspectos da existência. O terapeuta deve então reconhecer esse estado confusional e facilitar a percepção correta acerca da ausência de movimento e fluidez do eu, levando ao

reconhecimento das inúmeras facetas e possibilidades da existência humana, principalmente de sua abertura e flexibilidade como forma de encontro do eu. “Reconhecer seus limites e arriscar nos possíveis constitui-se no eu em liberdade” (FEIJOO, 2000, p. 114).

O ser existe em sua relação com o mundo, o *Dasein* ou *ser-aí*, pois cabe ao homem dar sentido e significado ao mundo para que este possa existir. O ser é detentor da necessidade e do poder de escolha em um constante *vir-a-ser* em um tempo dotado de significados, entendendo os sentidos dados ao passado e um espaço como local de atuação, em direção à morte que gera angústia, refletindo sobre a sua relação no mundo. O homem, portanto, estaria em constante movimento de interrogação e confronto com a dialética hegeliana de escolha entre o desejo e a necessidade na busca por se desvelar e compreender acerca do ser e de suas possibilidades (KAHHALE, 2011).

Diante do exposto, sentadas as bases sobre a linha teórica que servirá de amparo à análise, destacam-se as temáticas existenciais pertinentes ao estudo da obra *Peter Pan e Wendy* (1988) que nortearão a compreensão do desvelamento do ser do personagem Peter Pan, notadamente em sua escolha por não crescer e permanecer criança para sempre a fim de possibilitar uma maior compreensão do fenômeno *tornar-se adulto* no contexto infantil da clínica psicológica fenomenológico-existencial.

2.4.1 Existência

Um dos primeiros e mais importantes temas para os existencialistas é a respeito da existência que em sua etimologia significa *estar fora de*. Por conta disso, os existencialistas separam a palavra com hífen, utilizando *exis-tência* ao invés de existência. Deste modo *exis-tência* é o tema por excelência dos existencialistas (ANGERAMI, 2018).

Heidegger e Sartre atribuem *exis-tência* apenas ao homem, já que é o único animal detentor de consciência (ANGERAMI, 2018). E para Merleau-Ponty (1999 apud ANGERAMI, 2018, p. 33 e 34) o ser humano é muito mais do que um corpo biológico que reage ao ambiente, pois também se interessa em compreender acerca da sua própria *exis-tência*.

O existencialismo às vezes recebe a crítica de ser a filosofia da tragédia uma vez que ao contrário da filosofia tradicional, afirma que a vida é cheia de dilemas existenciais que são inerentes à condição humana. Todavia, não seria possível falar do homem sem discutir temas como: morte, angústia e liberdade a fim de melhor entender a realidade humana (ANGERAMI, 2018).

2.4.2 Liberdade

Sartre é um dos principais autores que estuda o tema da liberdade. Segundo o filósofo a liberdade está na base de todas as essências, ou seja, independe das condições externas. Desta forma, o homem não somente estaria condenado a existir, mas também a ser livre e “que não somos livres para deixar de ser livres” (2007, p. 542 e 543). A angústia revela a nossa liberdade de escolhas. Estamos continuamente comprometidos e conscientes de que podemos fazer novas escolhas a qualquer momento, somente encontrando limites na própria liberdade. Independente de qual será a escolha, inclusive se ela não for realizada, seremos por ela responsáveis.

A liberdade, portanto, não é algo acrescentado ao homem, mas é o que lhe estrutura como tal tendo em vista o fato de ser consciente, de poder escolher e de transcender. Sartre (1949 apud ANGERAMI, 2018, p. 38), escrevendo sobre a França durante a guerra, ilustra claramente que o homem tem liberdade, ainda que fisicamente o seu corpo esteja aprisionado, pois o segredo do homem reside no seu poder de resistir ao sofrimento e à morte de forma autêntica.

Na obra *O medo à liberdade* (1983) Erich Fromm apresenta a sua visão acerca da liberdade humana. Ele afirma que o homem nasce totalmente dependente dos outros e da Natureza, estando unido a eles, e ao longo da vida segue um caminho de individuação. Contudo, ao tornar-se indivíduo, o homem sente-se desamparado, inseguro e solitário. A única alternativa seria unir-se novamente, agora ao mundo, por meio do amor e do trabalho a fim de encontrar algum tipo de segurança e aplacar a angústia da solidão. Porém, o preço a ser pago é a própria liberdade e integridade do eu como indivíduo.

Fromm (1983) apresenta a história bíblica da expulsão do homem do paraíso a fim de ilustrar o caráter ambíguo da liberdade. Adão e Eva viviam no Jardim do Éden em perfeita harmonia, abundância, o trabalho não era penoso, não havia pensamento, razão ou questões existenciais para afligi-los. Deus lhes impôs uma única proibição: comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. O homem e a mulher contrariam a ordem dada por Deus e rompem com a harmonia inicial com a Natureza. Para a Igreja, o ato foi pecaminoso; porém para o homem significou o primeiro ato de liberdade humana. Todavia, esse ato de liberdade também implicou em maldição, pois à medida que o homem rompe com a Natureza e com o outro, percebe que está nu e sente-se só. Deste modo Erich Fromm afirma que o homem tem *liberdade de* ao romper com a dependência da Natureza e do outro, mas não tem *liberdade para* autogovernar-se e tornar-se indivíduo.

2.4.3 Solidão

A solidão também ganhou um novo sentido dado pelos existencialistas, pois passou a ser entendida como mais um tema de discussão existencial inerente à condição humana, embora em alguns momentos ela se sobressaia mais do que em outros. Apesar de convivermos socialmente com outra pessoa, uma hora chega o momento de constatar que de fato, somos sozinhos (ANGERAMI, 2018).

A solidão costuma ser associada ao sofrimento e conseqüentemente ao desenvolvimento de transtornos mentais. A maioria das pessoas a enxerga como algo negativo ou até mesmo desesperador. As pessoas sentem que sempre precisam do outro, senão experimentam uma espécie de vazio. Não é fácil deparar-se com a solidão, porém do ponto de vista existencial, quando percebemos que somos únicos no mundo em razão da nossa história de vida e da busca individual de sentido, percebemos a beleza da condição humana. Portanto, é por meio do confronto com a solidão que podemos buscar alternativas existenciais (ANGERAMI, 2018).

2.4.4 Essência

A máxima de Descartes: *penso, logo existo* acaba sendo determinista ao relacionar a existência humana a partir do pensamento ou consciência dos fatos. Todavia essa ideia não se coaduna com os princípios dos existencialistas. A filosofia existencial compreende que a existência precede a essência, pois o ser humano existe antes mesmo de ser definido por qualquer conceito. Desta forma, o homem primeiro existe, se descobre e depois se define (ANGERAMI, 2018).

A essência humana pode ser desenvolvida e transformada segundo as escolhas exercidas pelo homem. Essa característica diferencia o ser humano dos animais. Portanto, a essência do ser não é estática ou uma simples repetição do passado permitindo ao homem transformar-se, recomeçar e reconstruir a sua vida a cada momento em meio aos sofrimentos e angústias da existência humana (ANGERAMI, 2018).

2.4.5 O ser-no-mundo

O homem, em seu âmago, é só. Porém, ele não existe apenas nessa condição uma vez que ocupa um lugar no espaço e existe em relação à condição de *ser-no-mundo* que pode

trazer sofrimento e desespero. O mundo possui as suas condições e normas que limitam as possibilidades de existir, dificultando um viver autêntico. O *ser-no-mundo*, portanto, se apresenta como uma constante luta do homem consigo mesmo a fim de não perder a sua dignidade existencial e a sua individualidade (ANGERAMI, 2018).

O *ser-no-mundo* traz discussões acerca da angústia do *aqui e agora*, considerando a brevidade da vida e o fato de que o homem é o único responsável pelas escolhas que faz. O *ser-no-mundo* é o que direciona um ser ao encontro com a consciência do outro, pois o homem depende de alguém para se adaptar ao mundo, diferentemente dos animais, sendo necessário se relacionar e aprender com o seu semelhante. O homem deve ser entendido como um ser que é, que tem sentimentos e pode ser compreendido como um fenômeno que se desvela (ANGERAMI, 2018).

2.4.6 Morte

Os existencialistas também debatem sobre o tema da morte entendendo que devemos assumi-la como possibilidade última, como a totalidade do que não pode ser realizado em vida. Eles defendem que ainda em vida é possível antecipar-se e assumir a morte, adotando um sentido pessoal de totalidade. Deste modo, o homem afasta a restrição da liberdade. A morte torna-se mais uma possibilidade do *Dasein* de modo que a realidade humana, o *ser-no-mundo* se define como *ser-para-a-morte*. O ser usa a liberdade para morrer e se constitui uma totalidade pela escolha da finitude. A consciência da morte caminha com a individualização humana. A morte é um processo que pode determinar as condições de vida (ANGERAMI, 2018).

2.4.7 O sentido da vida

O ser humano é livre para fazer escolhas e construir o próprio sentido da vida levando-se em conta a consciência de que a vida humana é regada de sofrimentos e angústias existenciais. O sentido da vida leva o homem a trilhar caminhos que desafiam a razão. Essa constatação revela que a vida em si mesma não tem sentido e necessita de realizações humanas para torna-se algo significativo e transcendente (ANGERAMI, 2018).

Viktor E. Frankl (1987), criador da Logoterapia, afirma que a busca de sentido na vida é algo inerente à condição humana. Consequentemente para assumir um compromisso com a vida o homem deve descobrir o seu sentido, pois este tema é de extrema importância.

Frankl viveu em um campo de concentração nazista e apresenta em sua obra a sua busca pessoal de sentido para a vida diante de intensa provação. Frankl afirma que apesar da liberdade externa lhe ter sido tirada, conservava a liberdade interior que ninguém poderia violar, possibilitando escolher dar um sentido à sua vida. Ele acreditava que “[...] se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte” (FRANKL, 1987, p. 42).

Contudo, muitas vezes o sentido da vida é determinado por crenças que norteiam a existência. Nietzsche (2000 apud ANGERAMI, 2018, p. 62) questiona essa busca por um sentido universal e combate a busca por adequação, disfarçada de uma busca por propósito. Segundo o filósofo seria absurdo direcionar a vida a uma finalidade.

O sentido da vida é o que determina o quão grato o homem se sentirá em relação às conquistas alcançadas ao longo da sua existência. O homem é um constante *vir-a-ser* com base nas escolhas que realiza e o sentido da vida é o que o mantém motivado. Desse modo, o homem precisa decidir e escolher o seu projeto de vida de acordo com o seu sentido de vida a fim de evitar frustrações ou ilusões. O sentido da vida é o que contribui para a tomada de consciência humana sobre a realidade acerca da sua própria existência e alguns sentimentos podem ser avaliados e superados por meio da liberdade e da autenticidade (ANGERAMI, 2018).

2.5 A LUDOTERAPIA E OS CONTOS DE FADAS

Angerami (2017) apresenta o mito da infância feliz como se fosse uma espécie de negação de que a criança também sofre. Hoje é consolidado no meio acadêmico que a criança levada a psicoterapia pelos pais traz consigo um sintoma de que o seu contexto familiar se encontra desestruturado. De modo geral, as crianças se apresentam como o paciente identificado em uma família cheia de problemas em sua estrutura.

Logo, aceitar o fato de que as crianças também sofrem, uma vez que o desespero e a angústia são inerentes à condição humana nos permitem ajudá-las, desde que deixemos de lado a ilusória busca pela felicidade infantil e possamos enxergá-las em sua condição de seres humanos que padecem. A solidão, o sofrimento e o desespero também fazem parte do universo infantil, exigindo um olhar atento e especializado do psicólogo sobre seres humanos que somente se diferenciam dos adultos pela presença de ilusão e de esperança (ANGERAMI, 2017).

Na psicoterapia fenomenológico-existencial o discurso é essencial no processo psicoterapêutico e ocorre na relação de intersubjetividade. É na linguagem que o processo psicoterápico se desenvolve, pois é por meio dela que se revela o que está oculto. O *Dasein* consegue atuar no mundo de forma autêntica quando as três condições do existir (linguagem, sentimento e compreensibilidade) coexistem de forma harmônica. Portanto, objetiva-se criar condições para que os sentimentos do cliente se revelem. E a Ludoterapia nessa abordagem consiste no processo de escuta e fala, enquanto produção de sentidos, por meio do brincar. É por meio do lúdico que a criança revela as suas vicissitudes (FEIJOO, 1997).

A abordagem fenomenológico-existencial utiliza o método fenomenológico no sentido de aplicar a *epoché* ou redução fenomenológica suspendendo os valores, julgamentos e buscando captar o sentido do discurso; a captação intuitiva, por meio de uma percepção apurada; e, a integração significativa, quando o conteúdo manifestado se reflete na relação terapêutica; consoante aos princípios existenciais de liberdade, responsabilidade, angústia, desespero, morte e autenticidade e etc. (FEIJOO, 1997).

Feijoo (1997) apresenta como possibilidades de recursos metodológicos em Ludoterapia fenomenológico-existencial, dentre outros, a utilização de livros e fábulas como instrumentos para mobilizar a família, os pais e principalmente a criança possibilitando trabalhar temas existenciais ou situações vividas. Brunelli (2011) desenvolveu a criação de um livro de devolutiva para a criança em processo ludoterápico, sendo a própria criança a personagem principal e autora-colaboradora do livro, a fim de que se sinta parte do momento da devolutiva costumeiramente restrito aos pais.

Castro (2009) apresenta uma psicoterapia de grupo de abordagem psicanalítica mediada por contos infantis junto a crianças de uma escola comunitária de educação infantil. O grupo foi constituído por 14 crianças, 6 meninos e 8 meninas, com idades entre 4 e 6 anos, todos da mesma classe. Ao final percebeu-se que o processo de narração de contos foi muito valioso como instrumento de mediação da psicoterapia grupal fazendo uma relação entre o mundo interno das crianças repleto de dilemas existenciais e a realidade externa, permitindo o desvelamento dos seus conteúdos e preocupações a fim de serem elaborados no grupo.

No campo forense também têm sido utilizados contos de fadas como ferramentas disponíveis na caixa lúdica, pois auxiliam na representação de traumas e dramas vividos descritos nos autos de um inquérito policial e/ou processual. As histórias podem ser narradas de acordo com o interesse da criança onde ela pode incluir-se como personagem, desvelando as suas vivências e conflitos por meio dos comportamentos dos personagens dos contos (ANAF; MENIGHETTI; EVANGELISTA, 2012).

Assim como o uso de livros infantis, a utilização de contos de fadas em Ludoterapia tem sido ampliada tendo em vista que esse tipo de literatura permite que a criança possa descobrir a própria identidade e vocação, além de sugerir experiências que desenvolvam o seu caráter. Os contos de fadas trabalham temas existenciais humanos de forma honesta permitindo que seja extraído um sentido para as suas vidas. Devido à sua importância é que vêm sendo adotados como ferramentas psicoterapêuticas tanto no atendimento clínico ludoterápico individual quanto grupal (BETTELHEIM, 2018; CASTRO, 2009; CORSO, 2006; GUTFREIND, 2003).

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é da área do conhecimento das Ciências da Saúde, e teve como finalidade a Pesquisa Básica Pura e como propósitos mais gerais a pesquisa exploratória de abordagem qualitativa.

Gil (2017) afirma que a pesquisa exploratória objetiva uma aproximação do problema a fim de torná-lo mais claro ou de construir hipóteses. O seu planejamento é mais flexível tendo em vista que o seu interesse repousa na consideração ampla acerca do fenômeno estudado. Minayo (2009) acredita que a pesquisa exploratória permite ao investigador a proposição de um novo olhar interpretativo sobre o discurso tendo em vista que por mais bem estruturada a teoria, nunca será suficiente e completa para explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos da realidade social.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2009), se propõe ao estudo de questões específicas que dada a sua natureza não podem ou não devem ser quantificadas à medida que envolvem aspectos mais subjetivos como: motivações, significados, crenças, valores e atitudes. Essa abordagem relaciona-se com fenômenos humanos como: o agir, o pensar e o interpretar sobre a realidade social, impossibilitando a sua mensuração numérica. Desse modo, a diferença entre abordagem quantitativa e qualitativa repousa na sua natureza e não em uma hierarquia de importância. A abordagem qualitativa trabalha com estatística propondo modelos abstratos ou descrevendo e explicando fenômenos com base nas suas regularidades, enquanto a qualitativa aprofunda-se nos significados.

3.2 DELINEAMENTO EMPREGADO

O delineamento empregado foi o da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é realizada com base em materiais já existentes e publicados tais como as diversas modalidades de material impresso e outras fontes, incluindo aqueles materiais disponibilizados na Internet. Esse tipo de pesquisa é utilizado em quase todos os trabalhos científicos tendo em vista que em teses e dissertações sempre há um espaço destinado à fundamentação teórica do trabalho. A principal vantagem da sua utilização é a ampliação da investigação sobre os fenômenos (GIL, 2017).

O delineamento da pesquisa bibliográfica foi o mais indicado ao estudo, pois objetivou-se a realização de um levantamento acerca dos principais autores da literatura e de outras fontes científicas a respeito dos contos de fadas, da sua aplicação à clínica psicológica infantil, bem como dos temas existenciais.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O procedimento de coleta de dados apresenta a sequência de etapas a serem cumpridas na elaboração da pesquisa bibliográfica. Salvador (1986) *apud* Lima e Mito (2019) expõe quatro critérios para a delimitação do estudo e orientação da seleção do material: o temático, o linguístico, as principais fontes e o parâmetro cronológico.

3.3.1 Parâmetro temático

A seleção de materiais para a pesquisa seguiu critérios de inclusão e exclusão. O critério de inclusão foram livros e artigos que abordam o tema da infância relacionando-o aos mitos e aos contos de fadas. O critério de exclusão foram os livros e artigos que abordam a infância em outra perspectiva que não a psicológica a respeito dos contos de fadas como a Literatura e a Educação; e os artigos científicos envolvendo pesquisas com a aplicação terapêutica de contos de fadas em adultos.

3.3.2 Parâmetro linguístico

Os artigos científicos foram pesquisados nos idiomas: português, inglês e espanhol. Os livros, ainda que estrangeiros, foram consultados na tradução em português.

3.3.3 Principais fontes

A **fonte primária** de coleta de dados foi o conto *Peter Pan e Wendy*, escrito pelo inglês James Matthew Barrie e publicado pela primeira vez no ano de 1911, do qual foram extraídos fragmentos que abordam os temas existenciais selecionados para análise na presente pesquisa. As demais fontes bibliográficas serviram de subsídio para a análise dos excertos.

As fontes bibliográficas compreenderam livros de autores consagrados que versavam sobre os temas: infância, desenvolvimento humano, contos de fadas e existencialismo

indicados ao longo das disciplinas do curso de graduação em Psicologia. Além disso, foram consultados artigos científicos, pesquisados na base de dados SciELO – *Scientific Electronic Library Online* e PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, com os descritores: *contos de fadas, conto de fadas, contos infantis, cuentos de hadas, cuentos infantiles, cuentos, fairy tale, tales e children's narratives*.

As fontes bibliográficas que serviram de subsídio teórico para a análise de fragmentos e diálogos do conto *Peter Pan e Wendy* encontram-se nas tabelas a seguir:

Tabela 1 – Lista de Livros

Nº	Título	Autor	Abordagem
1	Síndrome de Peter Pan	Dan Kiley	Não definida
2	Fadas no Divã	Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso	Psicanálise
3	A psicanálise dos contos de fadas	Bruno Bettelheim	Psicanálise
4	A interpretação dos contos de fadas	Marie-Louise Von Franz	Psicologia Analítica
5	O terapeuta e o lobo	Celso Gutfreind	Psicanálise
6	Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância	Marie-Louise Von Franz	Psicologia Analítica
7	Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes	Violet Oaklander	Gestalt
8	Psicoterapia Existencial	Valdemar Augusto Angerami	Psicoterapia Existencial
9	O conceito de angústia	Søren Aabye Kierkegaard	Psicoterapia Existencial
10	O desespero humano	Søren Aabye Kierkegaard	Psicoterapia Existencial
11	O brincar & a realidade	Donald Woods Winnicott	Psicanálise

Tabela 2 – Lista de artigos científicos

Nº	Título	Autor(es)	Abordagem	Método	Resultados
1	Abordagem bioecológica e narrativas orais: Um estudo com crianças vitimizadas	Heliana Castro Alves e Maria Luisa Guillaumon Emmel	Abordagem bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner	Análise de conteúdo e análise temática	As narrativas orais podem servir como suporte, reunindo em si um repertório de elementos que despertam na criança conteúdos relacionados às vivências pessoais.
2	Harry Potter e o Sujeito da Pós-Modernidade	Daniela Botti da Rosa	Psicanálise e Psicologia Analítica	Reflexão crítica	Como a saga de Harry Potter pode sustentar novos traços identitários a partir de novas condições de subjetivação.
3	Era uma vez... um estudo de caso sobre histórias e estórias adotivas	Larissa Cristina Silveira de Andrade, Martha Franco Diniz Hueb e Carolina Martins Pereira Alves	Psicanálise	Pesquisa-Intervenção	A importância dos contos para viabilizar reflexões e elaborações sobre o processo de adoção, assim como para auxiliar o contato com angústias primitivas e facilitar a inserção na nova família.
4	Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana	Maria Thereza Costa Coelho de Souza, Camila Tarif Ferreira Folquitto, Marcella Pereira de Oliveira e Samanta Pedroso Natalo	Piaget	Entrevista clínica piagetiana adaptada aos contos de fadas.	Os contos, mais uma vez, demonstraram ser material propício para a reflexão das crianças e instrumento rico de pesquisa sobre as qualidades dos julgamentos infantis.
5	Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea	Raquel Elisabete Finger Schneider e Sandra Djambolakdijan Torossian	Psicanálise	Revisão bibliográfica	A aplicabilidade dos contos de fada na prática clínica, enfocando diversas correntes teóricas.
6	Os heróis, as princesas e o imaginário infantil	Fernanda Mara Colucci Fonoff e Regina de Baptista Colucci	Psicanálise	Análise de histórias infantis	Apresenta a trama edípica sendo vivida por toda uma família.

continua

Tabela 2 – Lista de artigos científicos

					<i>continuação</i>
7	Oficina terapêutica de contos infantis no CAPSi: relato de uma experiência	Alice Moreira Costa, Carlise Cadore, Michele dos Santos Ramos Lewis e Cláudia Maria Perrone	Psicanálise	Intervenção	Identificaram-se mudanças na simbolização e na socialização das crianças que participaram da oficina, além do estabelecimento de vínculo terapêutico entre os integrantes do grupo.
8	Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças	Flavia Cambuzzi Sbardelotto e Tagma Marina Schneider Donelli	Psicoterapia de grupos	Intervenção	Os contos de fadas foram importantes para: o acesso da problemática de cada um dos participantes do grupo; possibilitou a nomeação dos afetos; e, ao final dos encontros, as crianças obtiveram ganhos nos processos de simbolização, além de uma melhora das queixas iniciais.
9	Oficinas literárias com crianças em risco psicossocial	Dóris Lieth Peçanha	Avaliação Psicológica	Avaliação-intervenção psicológica	Os resultados obtidos sugerem a eficácia da intervenção realizada, contribuindo para fundamentar cientificamente o desenvolvimento de oficinas literárias com crianças de rua.
10	Contos de fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual	Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, Gislaine Marquini Machado e Rossana Maria Seabra Sade	Vygotskyana e a dimensão sócio-histórica do psiquismo	Pesquisa bibliográfica	Por meio da mediação simbólica no imaginário da criança com deficiência intelectual, o trabalho educativo com os contos de fadas suscita benefícios significativos.

continua

Tabela 2 – Lista de artigos científicos

<i>continuação</i>					
11	“Era uma vez... um medo que não queria ir embora: o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil”	Marina Lara Rodrigues e Eloisa Quadros Fagali	Psicanálise e Psicologia Analítica	Estudo exploratório	A comparação dos resultados revelou que a mediação, por meio da narrativa de contos de fadas, pode ser uma relevante estratégia para a construção de repertórios cognitivos de crianças, uma vez que todos os itens avaliados com base no Formulário do Protocolo do Estudante sofreram alterações positivas até o fim do trabalho.
12	Aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil: investigação por meio de um conto de fadas em versão multimídia	Silvia Lorenzoni Perim Seabra e Claudia Broetto Rossetti	Piaget	Entrevista baseada no método clínico piagetiano.	É válido o emprego de contos de fadas como ferramenta de estudo do desenvolvimento infantil expressando o modo de raciocínio, aspectos cognitivos e o desenvolvimento moral.
13	Relações entre aspectos afetivos e cognitivos em representações de contos de fadas	Maria Thereza Costa Coelho de Souza, Camila Tarif Ferreira Folquitto, Marcella Pereira de Oliveira e Samanta Pedroso Natalo	Piaget	Entrevista clínica piagetiana.	As análises dos dados indicaram que as crianças mais velhas tendem a escolher aspectos mais abstratos das histórias, enquanto as crianças mais jovens tendem a escolher aspectos mais concretos e materiais.
14	Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano	Maria Thereza Costa Coelho de Souza	Piaget	Método clínico de Piaget.	As crianças mais jovens e das séries iniciais tendem a escolher elementos concretos como mais interessantes, enquanto crianças mais velhas tendem a manifestar interesses mais ligados à reciprocidade das relações e às virtudes.

continua

Tabela 2 – Lista de artigos científicos

<i>continuação</i>					
15	Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis	Renata Franco Leite	Psicanálise	Pesquisa bibliográfica	Os contos infantis são importantes ferramentas que permitem ao sujeito interagir, identificar e manifestar suas próprias questões durante a narrativa, podendo atingir eficácia terapêutica.
16	A Bela e a Fera: uma análise psicológica da personagem Bela	Luísa Puricelli Pires e Tatiana Helena José Facchin	Psicanálise e Psicologia Analítica	Pesquisa bibliográfica	Apresentação da transformação ocorrida na vida psicosssexual de Bela ao passar do Narcisismo para o Complexo de Édipo e a resolução deste; e, a aquisição do Feminino por parte da personagem com a importância dos contos de fadas na construção da personalidade das crianças, que, a partir destes, vivenciam de forma lúdica os conflitos inerentes ao desenvolvimento psíquico, facilitando sua elaboração e aumentando sua capacidade de simbolização.

continua

Tabela 2 – Lista de artigos científicos

<i>continuação</i>					
17	Termos mentais na contação de histórias e a teoria da mente da criança	Greicy Boness de Araujo, Tania Mara Sperb e Hélio Radke Bittencourt	Teoria da mente	Contação de histórias	O emprego de cognições clarificadas pelas mães em suas narrativas apresenta relação significativa com a teoria da mente das crianças. A contação de histórias parece desempenhar um papel interessante na estimulação da conversação sobre termos mentais e no desenvolvimento sociocognitivo infantil.
18	Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: Estudo de caso na perspectiva do Psicodrama	Ivone Lopes e Marilene Dellagiustina.	Psicodrama	Apresenta o embasamento teórico e o caso clínico de uma criança que chegou para atendimento e tinha agressividade como queixa principal.	A possibilidade de diminuição das respostas repetitivas, conservadas, bem como de incremento de respostas inéditas e criativas, a partir de um aumento da espontaneidade como catalisador desse processo criativo.
19	Simbolismos infantis e a mágica dos contos: uma compreensão piagetiana	Maria Thereza Costa e Coelho de Souza	Piaget	Pesquisa sobre interpretação de contos populares.	As crianças mais jovens admitem sem esforço enredos mágicos e valorizam aspectos ficcionais, enquanto crianças mais velhas apontam a impossibilidade real das situações mágicas e valorizam aspectos reais, o que está relacionado ao seu desenvolvimento psicológico. A compreensão da mágica parece ser influenciada também pela valorização dada a esse tema pelo contexto cultural em que vivem.

continua

Tabela 2 – Lista de artigos científicos

<i>continuação</i>					
20	Contos de fada e intervenção mediacional: a construção de repertórios cognitivos para narrativas	Julienne Madureira Ferreira e Celia Vectore	Intervenção mediacional	Estudo exploratório: prática mediada por contos de fadas.	A mediação de contos de fadas pode ser uma relevante estratégia para a construção de repertórios cognitivos de crianças.
21	Conflictos psíquicos en la infancia y cuentos de hadas: los cuentos infantiles como dispositivo de intervención en la práctica clínica (Conflictos psíquicos na infância e Contos de fadas: os contos infantis como instrumento de intervenção na prática clínica)	Ruth Carolina Gonçalves Borges	Psicanálise	Revisão de literatura	Avanço em alguns pontos que permitem melhor compreensão dos contos infantis na vida psíquica das crianças e atualização da teoria e da prática psicanalítica.
22	Exploring Psychological Well-Being and Positive Emotions in School Children Using a Narrative Approach (Explorando o bem-estar psicológico e emoções positivas em crianças de idade escolar usando uma abordagem narrativa)	Chiara Ruini, Francesca Vescovelli, Veronica Carpi e Licia Masoni	Psicologia positiva	Intervenção psicopedagógica escolar baseada em estratégias narrativas.	A intervenção permitiu obter informações úteis quanto ao bem-estar das crianças e produziu um <i>feedback</i> positivo.

3.3.4 Parâmetro cronológico

Este parâmetro não se aplicou à pesquisa.

3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Salvador (1986) *apud* Lima e Miotto (2019) desenvolve uma orientação de leitura do material bibliográfico coletado, haja visto que a leitura consiste na principal técnica da pesquisa bibliográfica. É por meio da leitura do material coletado que se pode identificar as informações e os dados encontrados, bem como a verificação das relações existentes entre os conteúdos obtidos e a análise da sua congruência.

Inicialmente foi feita a leitura do conto *Peter Pan e Wendy* (BARRIE, 1988), buscando identificar os temas existenciais de interesse da pesquisa. Os demais textos foram selecionados com o objetivo de buscar suporte teórico para uma melhor compreensão dos temas selecionados.

Desta forma, seguindo o roteiro de leitura acima, nesse estudo inicialmente foi realizada a **leitura de reconhecimento** do material bibliográfico objetivando a localização das obras relacionadas ao tema. Em seguida deu-se a **leitura exploratória** por meio da leitura dos sumários e manuseio das obras para averiguar a existência de informações aptas a responder os objetivos propostos. Depois deu-se a **leitura seletiva** de modo a selecionar os dados e informações mais pertinentes aos objetivos da pesquisa, descartando os que não são relevantes. Logo após foi realizada a **leitura reflexiva ou crítica** do material escolhido como definitivo e que busca responder os objetivos da pesquisa, com a finalidade de organizar e esquematizar as informações obtidas e compreender as afirmações e as explicações dadas pelos autores das obras. E finalmente, a **leitura interpretativa**, considerada a mais complexa, pois tem o escopo de relacionar as ideias presentes nas obras com o problema de pesquisa para o qual se busca a resposta. Essa etapa implica na interpretação e inter-relação das ideias dos autores com o propósito da pesquisa. A fim de investigar as soluções foi utilizado um instrumento que permitiu elencar das obras escolhidas o tema, os autores e a abordagem psicológica utilizados, para melhor compreensão do objeto de estudo. O critério adotado foi a relação direta com o objeto de estudo proposto, a delimitação teórica e a finalidade de obter um exame mais detalhado e organizado das obras selecionadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 TEMAS EXISTENCIAIS NO CONTO DE FADAS

Inicialmente é relevante esclarecer que apesar da análise majoritária do conto de fadas ter embasamento na abordagem fenomenológico-existencial, notadamente quanto aos temas existenciais, também foi adotada a fundamentação psicanalítica no que se refere à interpretação dos aspetos simbólicos, que não poderiam ser realizados de outro modo em virtude do objeto de estudo das abordagens. A fenomenológico-existencial deu suporte aos aspectos da consciência/existência, e foi utilizada na maior parte do trabalho; enquanto a abordagem psicanalítica recobriu alguns aspectos inconscientes e simbólicos dos contos de fadas a fim de complementar e dar suporte à análise.

O conto de fadas *Peter Pan e Wendy* apresenta os temas existenciais: liberdade, solidão, essência, existência, morte, *ser-no-mundo* e sentido da vida, conforme será demonstrado na seguinte discussão. O conto, quando analisado, revela constantemente um impasse de Peter Pan relacionado ao desejo de ter liberdade, a tentativa de sua restrição pelo ambiente e as consequências diante das escolhas feitas. A Terra do Nunca surge como esse lugar que Peter Pan e outras crianças escolhem habitar, onde podem viver em liberdade, dando asas à imaginação, sem ter que lidar com os dissabores da vida dos adultos. Nessa Terra eles encontram fadas, piratas, índios, vivem aventuras, podem voar, o tempo passa de forma diferente, mas também se deparam com angústia, solidão, morte e outros. Lá brincar é muito sério e perigoso!

4.1.1 Existência

Os existencialistas acreditam que a existência é um atributo do homem, posto que ele é o único animal detentor de consciência. Heidegger apresenta quatro categorias relacionadas à existência humana, que a distingue daquela dos animais: sentimento ou afetividade, entendimento e linguagem. Eles acreditam, diferentemente da filosofia tradicional, que a existência do homem é repleta de aflições inerentes a essa condição. Deste modo, a busca pela felicidade está na contramão da condição humana, já que é repleta de dissabores (ANGERAMI, 2018).

Esta passagem do conto apresenta o tema da existência, pois retrata o abalo emocional de Peter Pan em um de seus pesadelos na Terra do Nunca que, segundo o autor, podiam relacionar-se aos seus dramas existenciais:

Às vezes, mas não com frequência, Peter sonhava, e seus sonhos eram mais dolorosos que os dos outros meninos. Duravam horas, e ele não conseguia se libertar e chorava de dar dó. **Acho que esses sonhos tinham a ver com o enigma de sua existência.** Em tais ocasiões Wendy o tirava da cama, acomodava-o em seu colo e procurava acalmá-lo com várias formas de carinho que inventava. Vendo-o mais tranquilo, levava-o de novo para a cama, antes que ele acordasse, para que Peter não soubesse da humilhação a que fora submetido [...]. (BARRIE, 1988, p. 115, grifo nosso)

Peter escolheu viver na Terra do Nunca - um lugar de aventuras, fantasia, imaginação e liberdade – um mundo de faz-de-conta onde era custoso distinguir entre fantasia e realidade, eximindo-se das responsabilidades do mundo adulto. Todavia não conseguiu fugir da condição humana a ele inerente e inegável, a de *exis-tir*. E como ser que *exis-te* está constantemente se deparando com: as inquietações, a angústia, o desespero, a solidão, o tédio, a culpa, dentre outras atribuições existenciais (ANGERAMI, 2018).

Quando Peter estava morando com os seus pais, tinha que lidar com as angústias relacionadas ao seu crescimento, com as expectativas dos pais em relação ao seu futuro, com o medo do abandono e de não ser amado e aceito como realmente era. E ao escolher refugiar-se na Terra do Nunca, como em um passe de mágica, aparentemente resolveu aqueles dilemas. Contudo, na ilha ele sentia-se sozinho, necessitado de uma mãe, não conseguia distinguir entre fantasia e realidade, convivia diariamente com a morte, além de ter um grande inimigo que vivia lhe perseguindo: o Capitão Gancho.

Isto posto, podemos depreender que independente do lugar que Pan escolheu habitar, a sua condição humana o acompanhou. Em nenhum momento foi possível deixar de lado o sofrimento, os questionamentos e angústias destinados aos humanos que escolheram a liberdade. O preço que a humanidade teve que pagar pela liberdade de *exis-tir* foi tornar-se consciente dos dramas existenciais e padecer em virtude deles (KIERKEGAARD, 2011).

4.1.2 Essência

A essência, para os existencialistas, é o assunto que vem depois de tratarmos do tema da existência do homem. Em consonância com a corrente existencialista, o homem primeiro existe para, em seguida, se definir. É por meio das experiências com o mundo que a sua essência pode se sobressair. A essência permite ao homem a possibilidade de transformar a

sua vida, uma vez que ele deixa de ser um mero reprodutor de aspectos do passado para tornar-se autor da própria vida diante das possibilidades da existência (ANGERAMI, 2018).

O tema existencial da essência também está presente no conto de fadas *Peter Pan e Wendy* e pode ser exemplificado pelo excerto abaixo que revela a presença de mais de uma Terra do Nunca e que elas são muito diferentes, tendo em vista que cada criança tem a liberdade para criá-la, de acordo com a sua própria imaginação e essência:

Naturalmente as Terras do Nunca variam muito. A de João, por exemplo, tinha uma lagoa com flamingos que a sobrevoavam e nos quais ele atirava, enquanto a de Miguel, que era muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas que o sobrevoavam. João morava num barco emborcado na areia; Miguel, numa tenda de índio; Wendy, numa cabana de folhas muito bem costuradas. João não tinha amigos; Miguel tinha amigos à noite; Wendy um lobinho de estimação que havia sido abandonado pelos pais. Mas de modo geral as Terras do Nunca se parecem como pessoas de uma mesma família, e, se ficassem paradas, em fila, poderíamos dizer que têm o mesmo nariz e assim por diante. É para essas praias mágicas que as crianças estão sempre levando seus barcos. Nós também estivemos lá; ainda conseguimos ouvir o barulho das ondas quebrando, se bem que nunca mais desembarcaremos lá. (BARRIE, 1988, p. 7, grifo nosso)

Deste modo, quando o conto ressalta que as Terras do Nunca de João, Miguel e Wendy são distintas, ele retrata o tema da essência. Essas crianças primeiro existiram para depois desenvolverem a sua essência. Exemplificando: João, tinha uma lagoa com flamingos; Miguel, uma tenda de índios; Wendy uma cabana de folhas. Logo, cada uma dessas crianças tinha a própria forma de moldar e conduzir as suas vidas de acordo com as escolhas realizadas diante das possibilidades oferecidas pelas suas respectivas existências.

A cena em que Peter Pan perde a sua sombra, ao entrar no quarto das crianças do casal Darling, também serve para ilustrar o tema existencial da essência:

Ao voltar para o quarto dos filhos, a sra. Darling se deparou com Naná segurando na boca uma coisa que, conforme descobriu pouco depois, **era a sombra de Peter Pan**. Quando o menino saltou sobre o parapeito, a cadela havia corrido para fechar a janela e tentar impedir a fuga; não conseguiu, **mas a sombra dele não teve tempo de escapar e ficou presa na janela**. (BARRIE, 1988, p. 11, grifo nosso)

Peter Pan existe, já que é um ser humano, racional. E em virtude da condição humana, traz consigo as agruras existenciais, dentre elas a construção da sua essência. O fato de Naná, a cadela babá da família, ter conseguido separar a sombra de Peter Pan indica uma fragilidade na formação da sua essência que poderia ser ameaçada pelo ambiente e até mesmo destituída. Por pouco ele não perde definitivamente a sua sombra. E só pôde tê-la de volta com a ajuda de Wendy que a costurou em seus pés. A cena indica que Pan precisava da ajuda de outra

pessoa para construir a sua essência, pois ainda não sabia quem era. Essa inferência pode ser confirmada pelo seguinte extrato:

- Quem é você, Pan? – perguntou com a voz rouca. - Eu sou a juventude, sou a alegria, sou um passarinho que acabou de sair do ovo – Peter respondeu sem pensar. **Evidentemente isso era um disparate, mas mostrou ao pobre capitão que Peter não tinha a menor ideia de quem ou o que ele mesmo era, o que constitui o grau supremo de boa educação.** (BARRIE, 1988, p. 136, grifo nosso)

Essa necessidade de Peter de outra pessoa para ajudá-lo a costurar a sua sombra de volta ao seu corpo relaciona-se com a teoria de D. W. Winnicott sobre a importância do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil ao afirmar que “quando olho, sou visto; logo, existo. Posso agora me permitir olhar e ver.” (1975, p. 180). Pan necessitava de uma figura materna que pudesse auxiliá-lo em seu crescimento e no desenvolvimento da sua essência. Ele encontrou o seu espelho em Wendy.

Peter Pan e o Capitão Gancho estavam duelando quando o adversário lança uma pergunta existencial para o menino: “- Quem é você, Pan?” (BARRIE, 1988, p. 136). Esse questionamento seria o equivalente a interrogar sobre qual era a essência de Peter Pan. O menino então responde que é “a juventude, a alegria, um passarinho que acabou de sair do ovo” (BARRIE, 1988, p. 136), relevando a sua qualidade de eterna criança e a escolha de não crescer, mas no fundo escondia uma verdade sobre a sua existência: que não fazia a menor ideia de quem ou o que ele era. E como ele não sabia quem era, na Terra do Nunca era livre para ser quem quisesse.

Nosso querido protagonista rebelou-se em relação ao seu ambiente familiar quando descobriu que seus pais já faziam planos para o seu futuro como adulto. Assim, fugiu para o parque Kensington e depois para a Terra do Nunca, onde passava a maior parte do tempo. Apesar de ter feito escolhas em busca da liberdade de ser *si-mesmo*, de encontrar um espaço onde pudesse ser livre para *exis-tir*, ele ainda não tinha construído a sua essência. E ele demonstra ter a necessidade de alguém que o ajude a fazer isso. Por isso solicita o apoio de Wendy e deseja tanto que ela viva com ele na Terra do Nunca. Peter necessitava de uma figura materna que o ajudasse a construir a sua essência, sem sufocá-lo, dando espaço para o seu desenvolvimento. A sua forma de lidar com esse problema foi sair de casa e escolher não crescer, passando o resto da vida buscando esse amparo no olhar das mães que se encantavam pelo seu sorriso cheio de dentes de leite.

4.1.3 O sentido da vida

O sentido da vida permite ao indivíduo ter a consciência de que a vida é difícil e cheia de sofrimentos e nos leva a nos responsabilizarmos por ela tendo em vista que somos livres para escolhermos a forma como a conduziremos. A vida do homem pode encontrar um sentido por meio das suas realizações. Contudo, a existência humana se perfaz na busca constate por encontrar um sentido (ANGERAMI, 2018).

Esse tema existencial aparece logo no início do conto de fadas e trata do sentido da vida. Wendy descobriu que ia crescer aos dois anos de idade quando estava brincando no jardim e a sua mãe comentou que gostaria que ela não crescesse. Para ela, esse dia foi o “começo do fim” (BARRIE, 1988, p. 3), vejamos:

Todas as crianças crescem – menos uma. Elas logo descobrem que vão crescer, e a maneira como Wendy descobriu isso foi a seguinte. Um dia, quando tinha dois anos, ela estava brincando no jardim e, depois de colher mais uma flor, correu para junto de sua mãe. Acho que devia estar linda, pois a sra. Darling levou a mão ao coração e exclamou “Ah, se você ficasse assim para sempre!”. Foi tudo o que aconteceu entre elas com relação a esse assunto, **mas a partir daí Wendy soube que teria de crescer. A gente sempre sabe, quando tem dois anos. Dois é o começo do fim.** (BARRIE, 1988, p. 3, grifo nosso)

Wendy, até os dois anos de idade, encontrava “na própria vida o sentido da vida” (ANGERAMI, 2018, p. 27) que consistia basicamente em brincar e ter as suas necessidades básicas de alimento, afeto e proteção asseguradas. Entretanto, aos dois anos de idade, já se deparou com essa importante questão existencial que trouxe aflição, qual seja, descobriu que iria crescer. Essa descoberta causou choque, foi o “começo do fim” (BARRIE, 1988, p. 3), pois se deu conta de que um dia se tornaria adulta e conseqüentemente teria que fazer as suas próprias escolhas, assumir responsabilidades e buscar um novo sentido para a sua existência. E sabemos, ao final do conto, que ela conseguiu fazê-lo:

(...) e, quando se reencontraram, **Wendy era uma mulher casada**, enquanto Peter não passava de um montinho de poeira na caixa onde ela havia guardado seus brinquedos. **Wendy cresceu.** (BARRIE, 1988, p. 153, grifo nosso)

Peter Pan, de maneira oposta, ao ouvir dos pais o que o futuro lhe aguardava, decidiu buscar dar um novo sentido para a sua vida, um que estivesse mais relacionado à sua essência. E na Terra do faz-de-conta ele o encontrou:

Nessas ocasiões o que o diferenciava dos outros meninos era que eles sabiam que se travava de faz-de-conta, **enquanto para Peter fantasia e realidade eram exatamente a mesma coisa.** Às vezes isso os incomodava, como quando tinham de

fazer de conta que haviam jantado. Se resolvessem parar com a brincadeira, Peter batia nas juntas de seus dedos. (BARRIE, 1988, p. 61, grifo nosso)

Pan amparou-se em um mundo de fantasias e o sentido da sua vida relacionava-se à escolha de permanecer criança para sempre e à sua rotina na ilha: fingia que comia ou se alimentava da comida que furtava da boca dos pássaros, dormia enquanto voava, fugia dos inimigos, protegia os demais habitantes da Terra no Nunca, morava dentro do tronco de uma árvore, era pai e chefe dos Meninos Perdidos, participava de batalhas, além de eventualmente aterrissar na realidade de alguma janela para ouvir as histórias contadas pelas mães das crianças, dentre elas a sra. Darling.

4.1.4 Solidão

A solidão também é um tema existencial considerado inseparável à condição humana. Ainda que estejamos cercados de pessoas com quem nos relacionamos, em alguns momentos iremos nos deparar com o fato de que somos sozinhos. A maioria das pessoas sofrem, visto que não conseguem lidar com a condição de serem sós. A solidão cria a necessidade de um *Outro* que nos faça sentir importantes. A beleza da solidão está na consciência de que cada ser humano é único, tem a sua própria história, a sua essência, demonstrando um aspecto mais ameno da condição humana que traz alívio e equilíbrio à existência (ANGERAMI, 2018).

Abaixo será transcrita uma parte do conto de fadas que acentua a condição de solidão existencial de Peter Pan:

Agora os dois estavam sentados na poltrona e Wendy despejava sobre Peter mais um monte de perguntas. - Se você não mora mais no parque Kensington... - Às vezes eu ainda moro lá. - Mas onde você fica a maior parte do tempo? - Com os Meninos Perdidos. - Quem são eles? - São os meninos que caem do carrinho quando a babá se distrai. Se ninguém os procura dentro de sete dias, eles são mandados para a Terra do Nunca para pagar as despesas. Eu sou o chefe, - **Deve ser divertido!** - **É – o esperto garoto confirmou -, mas nós ficamos muito sozinhos. Não temos companhia feminina.** (BARRIE, 1988, p. 27, grifo nosso)

No primeiro encontro de Peter e Wendy esta o bombardeio de perguntas a fim de entender mais sobre o seu modo tão particular e excitante de vida na Terra do Nunca. Ele fala que fugiu de casa para morar no parque Kensington, mas que passa a maior parte do tempo na Terra do Nunca com os Meninos Perdidos. Pan acrescenta que apesar de toda diversão e aventuras vividas lá eles se sentem muito sozinhos, sentem falta de ter uma mãe.

Os Meninos Perdidos moravam com Peter Pan na Terra do Nunca. Essas crianças, assim como Pan, se sentiam abandonadas pelos pais e muito sozinhas. Os Meninos Perdidos eram bebês que caíam do carrinho das babás que se distraíam e ninguém os procurava dentro de sete dias sendo enviados para a Terra do Nunca. Eles alegam não ter companhia feminina e de sentirem falta de uma mãe. Peter Pan também se sentia abandonado pelos seus pais, pois falou que ao voltar para casa se deparou com a janela do quarto fechada e que havia outro menino dormindo em sua cama:

- Muito tempo atrás eu pensava assim como vocês, que a minha mãe sempre ia deixar a janela aberta para mim, e então fiquei longe de casa durante luas e luas e luas e aí voltei. **Mas a janela estava fechada, pois a minha mãe tinha se esquecido de mim completamente, e eu encontrei outro menino dormindo na minha cama.** (BARRIE, 1988, p. 101, grifo nosso)

Na fração de texto acima podemos notar que apesar de as crianças terem a liberdade de fazer escolhas enquanto habitantes da Terra do Nunca, nutriam sentimentos de abandono que pode não ter sido real, mas simbólico. As crianças carregavam uma angústia existencial tendo em vista que os seus pais os haviam abandonado ao perceberem que os filhos não aceitariam se submeter aos seus planejamentos, limitando as suas possibilidades de existência. A solução encontrada por Peter Pan foi trazer uma mãe, Wendy, para todos eles. Uma mãe que os aceitasse como fossem e nunca os abandonasse.

Isto posto, resta claro ao longo do conto o quanto Peter Pan apresenta a sua vida como sendo invejável, divertida e cheia de encantos aos outros. Porém, em alguns momentos ele confessa a solidão que sente na ilha mágica onde vive. A condição humana de Peter e dos Meninos Perdidos os obriga a conviver com o sentimento de solidão, a perceberem que estão sozinhos no mundo, levando Peter Pan a querer um *Outro* (Wendy) que possa preencher esse vazio.

4.1.5 O Ser-no-mundo

O ser humano não apenas existe, mas ocupa um espaço e um lugar no mundo. O homem *exis-te, está para fora*, relaciona-se com o mundo que é regulado por normas que limitam as suas possibilidades de existência. Desta maneira, torna-se difícil uma existência plenamente livre podendo dar origem a inquietações e ao desespero existencial. O desafio do *ser-no-mundo* é manter-se atento às formas de expressão da sua existência a fim de garantir a abertura para as possibilidades e para os relacionamentos (ANGERAMI, 2018).

Os fragmentos do conto de fadas a seguir retratados exemplificam os desassossegos experimentados por Peter Pan em dois momentos distintos relacionados ao tema do *ser-no-mundo*:

- Ouvi os meus pais conversando sobre o que eu deveria ser quando crescesse - Peter explicou, quase cochilando. - Mas eu não quero crescer! – acrescentou, terrivelmente agitado. – Sempre quis ser criança e me divertir. Por isso, corri para o Parque Kensington e durante muito tempo vivi com as fadas. (BARRIE, 1988, p. 25)

O que deixou Peter zozinho não foi a dor, mas a injustiça dessa dentada. Ele ficou sem ação, olhando fixo, horrorizado. Toda criança reage dessa forma na primeira vez em que recebe um tratamento injusto. Tudo o que ela se acha no direito de encontrar quando se aproxima de alguém é justiça. Poderá amar de novo uma pessoa que foi injusta com ela, porém nunca mais será a mesma criança. Ninguém se recupera da primeira injustiça. Ninguém, exceto Peter. Ele muitas vezes a encontrou, mas sempre a esqueceu. Acho que isso era o que verdadeiramente o diferenciava do resto do mundo. Assim, a injustiça de agora parecia a primeira de sua vida, e ele só conseguia olhar fixo, sem ação. Por duas vezes a mão de ferro o agarrou. (BARRIE, 1988, p. 83)

O primeiro diálogo refere-se ao momento em que Peter contou para Wendy que um dia ouviu os seus pais conversando sobre o que ele deveria ser quando crescesse. E como ele não queria crescer, mas ser para sempre uma criança e se divertir, fugiu de casa. Podemos deduzir a partir desse trecho que os pais de Peter Pan, ainda na sua infância, já discutiam sobre quem ele deveria ser, provavelmente planejando o seu futuro, escolhendo a sua profissão, definindo metas e traçando objetivos, ou seja, não havia espaço para que ele fosse visto como era, em sua essência, minando a sua liberdade e as suas possibilidades de desenvolver uma existência autêntica. E como recusou-se a viver uma vida que não fosse verdadeiramente sua, em virtude das adversidades do *ser-no-mundo*, Pan resolveu fugir para um lugar onde fosse livre para fazer escolhas.

A segunda porção do texto também exemplifica as dificuldades encontradas por Peter em sua relação com o mundo. A sua incapacidade de lidar com o ambiente sem deixá-lo limitar as suas possibilidades de existência o impediam de se relacionar e aprender, optando por escolher permanecer criança, longe dos adultos, na sua Terra, onde era o “chefe” (BARRIE, 1988, p. 27) e poderia ser respeitado em sua singularidade.

4.1.6 Liberdade

O tema da liberdade pode ser considerado o mais relevante no conto de fadas *Peter Pan e Wendy* visto que a todo momento os personagens e principalmente Peter deparam-se com escolhas, angústias, desespero e sofrimento relacionados à liberdade. Para o

existencialismo a liberdade também consiste em atributo inerente à condição humana, independente da outorga do *Outro* ou do ambiente externo. Sartre, principal autor existencialista a estudar a liberdade, afirma que mais do que um direito, somos condenados a ser livres. E como tal, podemos escolher o rumo que daremos à nossa vida. Contudo, essa liberdade de fazer escolhas nos gera angústias decorrentes das possibilidades com as quais nos deparamos e da incerteza quanto ao melhor caminho a seguir (ANGERAMI, 2018).

No início do conto de fadas, quando Peter convida Wendy para ir com ele à Terra do Nunca, ele a seduz a viverem juntos, em liberdade, sem os pais ou outros adultos para complicarem as suas vidas. E para Wendy, que aos dois anos de idade havia descoberto que iria crescer, o convite foi irresistível. E lá se foram: Peter Pan, Wendy e os irmãos João e Miguel. O autor fala, conforme trecho do conto abaixo, que “os passarinhos tinham escapado da gaiola” (BARRIE, 1988, p. 33) revelando que as crianças levavam uma vida como a dos passarinhos que vivem em gaiolas, tendo a sua liberdade restringida pelo ambiente e do qual dependiam totalmente para obter o seu sustento. Deste modo, as crianças haviam sido libertas por Peter Pan que as levaria para a Terra do Nunca.

Ciente de que não havia um instante a perder, Peter chamou: - Vamos! – e saiu voando noite adentro, seguido por João, Miguel e Wendy. O casal Darling e Naná entraram no quarto das crianças tarde demais. **Os passarinhos tinham escapado da gaiola.** (BARRIE, 1988, p. 33, grifo nosso)

Na sequência do texto a seguir podemos observar que Wendy ficou tão maravilhada com a história de Peter Pan e a sua vida naquela Terra que decidiu ir para lá com os irmãos. A chegada foi um pouco difícil, mas logo se acomodou à função de mãe dos Meninos Perdidos. Para Wendy e os irmãos ir à Terra do Nunca não se tratava de uma fuga das suas realidades familiares. Eles não sentiam que precisavam escapar de algo. Mas foram até lá porque ficaram encantados pela possibilidade de ter uma vida mais leve, fantasiosa e mágica. Wendy e os irmãos ficaram tranquilos porque tinham a certeza do amor dos seus pais e de que podiam ficar longe o tempo que fosse. As crianças confiavam que os seus pais sempre estariam esperando eles amadurecerem e escolherem voltar para, então, seguirem com os seus crescimentos, assumindo as obrigações naturais da vida humana. De acordo com Corso e Corso (2006), as crianças do casal Darling, ao contrário de Peter, sabiam que a infância era uma fase temporária e rápida.

Será que, com o passar do tempo, Wendy começou a pensar muito em seus queridos pais? Essa é uma pergunta difícil de responder, pois não sabemos como o tempo passa na Terra do Nunca, onde ele é medido por luas e sóis, que lá são bem mais numerosos do que o resto do mundo. **No entanto, acho que Wendy não se**

preocupava muito com seus pais; tinha absoluta certeza de que eles deixavam a janela sempre aberta para que pudesse voltar e por isso estava muito tranquila.
(BARRIE, 1988, p. 69, grifo nosso)

Wendy estava levando muito a sério a brincadeira de ser mãe dos Meninos Perdidos, dona de casa e ter Peter como o pai e chefe da casa. Todavia, para Pan, aquela distração estava ficando muito realista para o seu gosto. Ambos queriam coisas diferentes. Wendy brincava de ser adulta na Terra do Nunca e talvez nutrisse esperanças de que em meio ao jogo, Peter gostasse da ideia de crescer e quem sabe juntos pudessem construir uma família. Porém, Peter não tinha nenhuma pretensão de que a diversão se tornasse real, chegando a ficar muito ansioso com a situação. Ele queria permanecer criança, ele precisava apenas de uma mãe, conforme podemos compreender do apanhado abaixo:

- Peter, o que é que há? - Eu estava pensando – ele respondeu, um pouco assustado. – É só de faz-de-conta que eu sou pai deles, não é? - Claro! – Wendy confirmou num tom meio afetado. - Sabe, eu ia parecer muito velho se fosse mesmo pai deles – Peter explicou, como se estivesse se desculpando. - Mas eles são nossos. Seus e meus. - Mas não são de verdade, são? – ele insistiu, ansioso. - Não, se você não quer – Wendy respondeu, ouvindo claramente seu suspiro de alívio. – Peter, o que é que você sente por mim? – perguntou, tentando falar com firmeza. - O que um filho amoroso sente. - Foi o que eu pensei – ela murmurou, indo sentar-se no canto oposto da sala. - Você é esquisita – Peter reclamou, francamente confuso -, e a Raio-de-Sol também. Ela quer ser uma coisa para mim, mas diz que não é minha mãe.
(BARRIE, 1988, p. 96)

Peter carregava no peito uma angústia muito forte que acabou revelando a Wendy. Ele se sentia abandonado pelos seus pais, apesar de ele ter decidido fugir de casa. Assim como todas as crianças Pan partiu para a Terra do Nunca em busca de uma distração e de viver experiências que o auxiliassem em seu desenvolvimento. Contudo, ao retornar, provavelmente sentindo-se mais preparado para enfrentar os desafios relacionados ao seu crescimento, não mais encontrou a janela do seu quarto aberta e outra criança dormia em sua cama. Peter não teve a mesma sorte de Wendy, ele não teve pais que fornecessem um mundo no qual ele pudesse *exis-tir*, fazer escolhas, ter liberdade e crescer no seu tempo. Corso e Corso (2006) afirmam que Peter queria uma mãe que sempre estivesse lá para suportar as suas ausências e até mesmo o seu abandono não importa o quanto ela sofresse, mas infelizmente não teve.

- O que foi, Peter? – Wendy perguntou, e, temendo que o menino estivesse doente, correu para ele e com toda a atenção apalpou-o no peito e na barriga. – Onde é que está doendo? - Não é esse tipo de dor – Peter respondeu, tristonho. - Que tipo é? - Você está enganada sobre as mães. Todos se reuniram em torno dele, assustados, tão alarmante era a sua agitação. E com simplicidade Peter lhe revelou o segredo que guardava até então. Muito tempo atrás eu pensava assim como vocês, que a minha mãe sempre ia deixar a janela aberta para mim, e então fiquei longe de casa durante

luas e luas e aí voltei. **Mas a janela estava fechada, pois a minha mãe tinha se esquecido de mim completamente, e eu encontrei outro menino dormindo na minha cama.** Não sei se isso era verdade, mas Peter achava que era. E os outros ficaram apavorados. - Você tem certeza de que as mães são assim? - Tenho. Então essa era a verdade com relação às mães. Que desprezíveis! (BARRIE, 1988, p. 101, grifo nosso)

Em seguida Wendy, os irmãos e os Meninos Perdidos decidem ir embora da Terra do Nunca, temendo que a sra. Darling esquecesse deles também. Wendy pede para Peter pegar suas coisas e ir com eles, mas o menino se recusa. Peter diz que se voltar, os pais podem dizer que ele cresceu. E ele não quer crescer, mas ser um menino para sempre e se divertir muito. Pan teme que, ao retornar, ele perca a liberdade de escolher a vida que deseja para si. Ele recusa-se a viver uma vida que já foi desenhada para ele, sem possibilidades de criar o seu mundo, ele tem medo de perder-se de si mesmo.

- Vá pegar as suas coisas – pediu, trêmula. - Não – ele respondeu, fingindo indiferença. – Eu não vou com vocês. - Venha! - Não. Para mostrar que não se importava com a partida de Wendy, ele começou a pular pela sala, de um lado a outro, tocando alegremente sua flauta. A pobre menina teve que correr atrás dele, o que foi um pouco humilhante. É para você encontrar a sua mãe – ela argumentou. Se algum dia teve mãe, Peter já não sentia falta dela. Podia passar muito bem sem mãe nenhuma. Havia eliminado tais criaturas de seu pensamento e só se lembrava dos defeitos que elas tinham. - **Não e não – declarou, decidido. – Ela pode dizer que eu cresci, e eu quero é ser menino para sempre e me divertir muito.** (BARRIE, 1988, p. 104, grifo nosso)

Peter fez a sua escolha, decidiu ficar na Terra do Nunca e permanecer criança para sempre. Todavia, podemos perceber o sentimento de desespero que se seguiu a essa escolha. Ele teve que fingir que estava feliz, dando gargalhadas, a fim de provar à Wendy que não se importava com a partida dela e dos demais. Pan sentiu o peso de ter que assumir a responsabilidade pelas suas escolhas. Não obstante, para o existencialismo, o desespero é positivo. Em sua obra *O desespero humano* (1979) Kierkegaard afirma que para haver progresso, tem que existir desespero, tendo em vista que na ausência de desespero, não existem possibilidades de estar.

Sem saber da tragédia que se desenrolava na superfície, o menino continuou tocando sua flauta depois que as crianças haviam partido. Com isso, decerto tentara desesperadamente provar a si mesmo que não se importava nem um pouco com a partida. Depois resolveu não tomar o remédio, só para magoar Wendy, como se ela estivesse vendo. Depois se deitou na cama por cima das cobertas para aborrecê-la ainda mais, pois ela sempre os cobria para que não sentissem frio durante a noite. Depois quase chorou, mas então pensou que Wendy ficaria indignada se ele risse; assim, soltou uma orgulhosa gargalhada e adormeceu quando estava bem no meio da risada. (BARRIE, 1988, p. 115)

O retorno de Wendy, dos irmãos e dos Meninos Perdidos foi interrompido pela captura deles pelo capitão Gancho e seus piratas. Ao final da batalha, com a derrota do capitão, ocorre a cena transcrita adiante. Naquela noite Pan teve um dos seus terríveis sonhos e chorou por muito tempo, sendo consolado por Wendy. Apesar de finalmente ter derrotado o seu grande rival, sentia-se angustiado e desesperado. Porventura perdeu o sentido da sua vida. E somado a isso, o fato de que Wendy o estava deixando pode ter feito com que se sentisse muito só.

O adiantado da hora era praticamente a coisa mais importante que aconteceu naquela noite. Wendy tratou de acordar todo mundo nos beliches dos piratas e fez isso bem depressa, pode ter certeza. Só Peter ficou passeando pelo convés, todo emproado, até que finalmente adormeceu ao lado do canhão. **Nessa noite ele teve um de seus sonhos e durante muito tempo chorou, e Wendy o abraçou fortemente.** (BARRIE, 1988, p. 138, grifo nosso)

Em um dos últimos diálogos entre Peter e a sra. Darling esta se oferece para ser a mãe do menino e adotá-lo assim como fez com os demais “que acham no seio dessa acolhedora família a possibilidade de crescer” (CORSO, 2006, p. 366). Não obstante, ao confirmar se teria que assumir obrigações e crescer ele prontamente repeliu a oferta afirmando categoricamente que não queria ser homem. Peter não abriria mão facilmente da sua liberdade de escolhas e de quem ele era. E para que o crescimento ocorra, afirma o casal Corso (2006), a criança tem que permitir que isso aconteça, significando que ela precisa escolher crescer.

A sra. Darling se aproximou da janela, pois agora vigiava Wendy o tempo todo. Ela disse a Peter que havia adotado os outros meninos e que gostaria de adotá-lo também. - A senhora vai me mandar para a escola? – o espertalhão quis saber. - Vou. - E depois vai me mandar trabalhar? - Acho que sim. - E logo eu vou ser homem? - Logo, logo. - Eu não quero ir para a escola aprender um monte de coisas chatas – ele declarou, exaltado. – Não quero ser homem. Ah, seria horrível se um dia eu acordasse e descobrisse que tinha barba! - Peter, eu ia amar você de barba! – exclamou Wendy, a consoladora, enquanto a sra. Darling estendia os braços para ele, que no entanto a repeliu. - Para trás, minha senhora, ninguém vai me prender e me obrigar a ser homem. - Mas onde você vai morar? - Com a Si na casa que a gente construiu para a Wendy. As fadas vão colocá-la bem no alto, entre as copas das árvores, onde elas dormem à noite. - Que maravilha! – Wendy suspirou, mostrando-se tão desejosa de morar lá também que sua mãe a segurou com mais força. (BARRIE, 1988, p. 150)

Na Terra do Nunca Pan conseguia manter-se sempre jovem e não tinha a necessidade de lidar com os problemas da vida adulta que envolvem assumir responsabilidades, tolerar frustrações, ter bons relacionamentos, casar-se, ter filhos, estudar e trabalhar. Contudo, o prêmio, além de todas as regalias na Terra do Nunca era o beijo da sra. Darling que só ele

havia ganhado. Segundo o casal Corso (2006) esse gesto é destinado aos filhos devotos, que se recusam a crescer.

- Você não vai me esquecer, vai, até a primavera chegar? Peter naturalmente respondeu que não e depois foi embora, voando. Levou junto o beijo da sra. Darling. O beijo que ninguém ganhou e que ele conseguiu com toda a facilidade. É engraçado, mas ela parecia satisfeita. (BARRIE, 1988, p. 151)

Wendy, por sua vez, escolheu crescer. Ela viveu em um mundo no qual tinha a liberdade de ser, de *exis-tir*, teve o seu tempo e espaço respeitados. E no momento oportuno, começou a sentir as “dores do crescimento” (BARRIE, 1988, p. 153) e se casou. Barrie adverte que não precisamos ter pena da Wendy por ter escolhido crescer, visto que ela gostava da vida adulta e a sua escolha foi livre.

Essa foi a última vez que a menina Wendy o viu. Durante muito tempo ela ainda fez o que pôde para não sentir as chamadas **dores do crescimento** e achou que foi infiel a Peter quando ganhou um prêmio na prova de conhecimentos gerais. Os anos começavam e terminavam sem lhe trazer seu despreocupado amigo; e, **quando se reencontraram, Wendy era uma mulher casada, enquanto Peter não passava de um montinho de poeira na caixa onde ela havia guardado seus brinquedos. Wendy cresceu. Você não precisa ter pena dela. Wendy era uma pessoa do tipo que gosta de crescer e acabou chegando à idade adulta, por sua livre e espontânea vontade, um dia antes das outras meninas.** (BARRIE, 1988, p. 153, grifo nosso)

Peter Pan, de outro modo, não conseguia mais diferenciar fantasia da realidade. O mundo em que vivia era perfeito aos seus olhos, pois nele não existiam cobranças, responsabilidades, futuro, crescimento e adultos. Todavia, esse mundo não era real. Peter estava preso a uma falsa realidade, a uma ilusão. Na Terra do Nunca ele não poderia crescer, amadurecer, a sua liberdade estava sofrendo limites em virtude da rigidez com que encarava as possibilidades de *ser-no-mundo*, sem perder-se de si mesmo. Esse era o preço a ser pago pela sua escolha e só dessa forma, conforme o casal Corso (2006), Peter poderia assegurar que teria um lugar no coração das mães.

(...) Jane é agora uma adulta comum e tem uma filha chamada Margaret. E na primavera Peter vai buscar Margaret para a faxina anual, a não ser quando se esquece e a leva para a Terra do Nunca, onde escuta com todo o interesse as histórias sobre ele mesmo que a menina lhe conta. Quando crescer, Margaret terá uma filha, que por sua vez será a nova mãe de Peter. E assim por diante, enquanto as crianças forem alegres, inocentes e sem coração. (BARRIE, 1988, p. 158)

Pan, na verdade, é o filho idealizado com os quais as mulheres sonham, pois é aquele que nunca cresce. Se o filho permanece criança, a mãe nunca deixa de existir. Ele seria o

homem perfeito, realizando o desejo da mulher de ser mãe e de ter um filho que nunca a abandona (CORSO, 2006).

Na obra *Fadas no divã* (2006) os autores ilustram muito bem o que estava em jogo na escolha existencial de Peter Pan de não crescer:

Peter Pan não se recusa a crescer apenas porque ser criança é bom, na verdade, ele se nega a realizar esses papéis todos. É como um bebê que aprende a dizer *não* e prazerosamente descobre que tem poder para pôr um limite no assédio e nas demandas de que é objeto, dizendo “não” a tudo que se lhe for solicitado. Por isso, a Terra do Nunca pode ser também o refúgio dos que não querem ser médicos, advogados, modelos, corredores de Fórmula 1, artistas ou jogadores de futebol famosos, dos que se recusaram a empreender a corrida pela realização dos sonhos dos pais (p. 370).

Peter Pan fugiu para a Terra do Nunca a fim de garantir a liberdade de escolher diante das possibilidades da vida, recusando-se a viver uma vida adulta sem sentido, idealizada pelos seus pais. A decisão foi difícil e carregada de angústia e desespero. Entretanto, assumiu a responsabilidade por ela, pagando o preço necessário para ter a liberdade de *ser-no-mundo*.

4.1.7 Morte

A totalidade da existência humana, para Heidegger, somente pode ser alcançada pela morte. Contudo, à medida que assumimos a morte como uma possibilidade, logo, inseparável da condição humana, em vida podemos adotar uma posição de totalidade e transcendência. Deste modo o ser do *Dasein* é o *ser-para-a-morte*, podendo decidir o seu projeto para a morte, tendo liberdade para morrer e se tornar completo ao escolher pela finitude (ANGERAMI, 2018).

Na Terra do Nunca as brincadeiras eram sérias e frequentemente fatais. Os seus habitantes diariamente deparavam-se com a possibilidade de morrer. A sequência do conto a seguir ilustra esse enunciado:

Todos queriam ver sangue, menos os meninos, que normalmente gostam disso, mas hoje saíram de casa só para receber seu chefe. Naturalmente o número de meninos varia de acordo com as mortes e outras coisas que ocorrem entre eles, e, quando parece que estão crescendo, o que é contra as leis locais, Peter elimina uns e outros. Neste momento são seis, contando os Gêmeos como dois [...]. (BARRIE, 1988, p. 46)

Na ilha os Meninos Perdidos foram acolhidos por Peter Pan e viviam as suas aventuras. Todavia, a regra era muito clara: ninguém podia crescer. Caso contrário, a pena

seria capital. Aquela Terra era destinada apenas àqueles que escolhessem permanecer crianças para sempre.

Outra passagem que ilustra o *ser-para-a-morte* como possibilidade do *Dasein*:

Peter não era igual aos outros meninos, mas até que enfim estava com medo. Sentiu um calafrio percorrê-lo, como um arrepio que passa sobre o mar. Entretanto, no mar um arrepio segue o outro até se tornarem centenas, e Peter sentiu um único calafrio. No momento seguinte estava novamente de pé na rocha, com aquele sorriso no rosto e um tambor batendo dentro dele. O tambor dizia: “Morrer vai ser uma aventura tremendamente grande”. (BARRIE, 1988, p. 85)

Peter Pan, não era como os outros meninos, mas também sentia medo diante da morte. Ele tinha consciência de que a sua vida era um *ser-para-a-morte*. Essa percepção o levava à totalidade do seu ser à medida que considerava a morte como mais uma aventura “tremendamente grande” (BARRIE, 1988, p. 85) que um dia viveria. É possível deduzir que ao vislumbrar a morte como mais uma das possibilidades do *Dasein*, Peter encontrava mais um sentido à sua existência na ilha.

4.2 CONTOS DE FADAS E EXISTENCIALISMO

O desenvolvimento da análise dos temas existenciais presentes no conto de fadas *Peter Pan e Wendy* nos revelou o quanto este tipo de obra literária, em especial, tem a nos oferecer no sentido de ampliar o nosso entendimento acerca das questões existenciais humanas, incluindo-se o auxílio na compreensão das angústias infantis, podendo contribuir de forma significativa na elaboração de seus conflitos existenciais.

Os artigos a seguir, resultado da pesquisa bibliográfica realizada, corroboram a assertiva apresentada acima.

Em uma pesquisa-intervenção com adotantes e crianças em processo de adoção de abordagem psicanalítica realizada por Andrade, Hueb e Alves (2017) estes alcançaram o resultado no sentido de reafirmar a importância dos contos para viabilizar reflexões e elaborações sobre o processo de adoção, assim como para auxiliar o contato com angústias primitivas e facilitar a inserção na nova família.

Seabra e Rossetti (2016) investigando os aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil de abordagem piagetiana por meio de um conto de fadas em versão multimídia realizaram que é válido o emprego de contos de fadas como instrumento de estudo do desenvolvimento infantil por meio dos quais são expressos: o modo de raciocínio, aspectos cognitivos e o desenvolvimento moral.

Leite (2015) em pesquisa bibliográfica sobre princípio do prazer *versus* princípio da realidade em contos infantis de abordagem psicanalítica afirma que esta literatura é uma importante ferramenta permitindo ao sujeito interagir, identificar e manifestar suas próprias questões durante a narrativa, podendo atingir eficácia terapêutica.

Araujo, Sperb e Bittencourt (2016) em pesquisa sobre os termos mentais na contação de histórias e a teoria da mente da criança deduziram que o emprego de cognições clarificadas pelas mães em suas narrativas apresenta relação significativa com a teoria da mente das crianças. A contação de histórias pareceu desempenhar um papel interessante na estimulação da conversação sobre termos mentais e no desenvolvimento sociocognitivo infantil.

Souza (2012) em pesquisa sobre interpretação de contos populares analisou os simbolismos infantis e a magia dos contos sob uma compreensão piagetiana. Constatou-se que as crianças mais jovens admitem sem esforço enredos mágicos e valorizam aspectos ficcionais, enquanto crianças mais velhas apontam a impossibilidade real das situações mágicas e valorizam aspectos reais, o que está relacionado ao seu desenvolvimento psicológico. A compreensão da magia parece ser influenciada também pela valorização dada a esse tema pelo contexto cultural em que vivem.

Pires e Facchin (2010) em pesquisa bibliográfica com referencial teórico nas abordagens: Psicanálise e Psicologia Analítica apresentam a transformação ocorrida na vida psicosssexual de Bela do clássico *A Bela e a Fera* ao passar do Narcisismo para o Complexo de Édipo e a resolução deste e a aquisição do Feminino por parte da personagem concluindo pela importância dos contos de fadas na construção da personalidade das crianças, que, a partir destes, vivenciam de forma lúdica os conflitos inerentes ao desenvolvimento psíquico, facilitando sua elaboração e aumentando sua capacidade de simbolização.

As autoras Alves e Emmel (2008), por meio da análise de conteúdo e da análise temática de narrativas orais na abordagem bioecológica, em pesquisa com crianças vitimizadas, concluíram que as narrativas orais podem servir como suporte, reunindo em si um repertório de elementos que despertam na criança conteúdos relacionados às vivências pessoais.

Souza, Folquitto, Oliveira e Natalo (2008), em estudo dos julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias de abordagem piagetiana, demonstraram que os contos são material adequado para a reflexão das crianças e instrumento rico de pesquisa sobre as qualidades dos julgamentos infantis.

Diante do exposto, os contos de fadas podem ser utilizados como instrumento de estudo do desenvolvimento infantil; auxiliam no contato das crianças com as suas angústias,

na construção da personalidade infantil e na vivência, de forma lúdica, dos conflitos inerentes ao seu desenvolvimento psíquico, facilitando as suas elaborações e aumentando as suas capacidades de simbolização; despertam na criança conteúdos relacionados às vivências pessoais; além de permitir a avaliação das qualidades dos julgamentos infantis, dentre outros. Em virtude disso, podemos estabelecer que os contos de fadas contribuem na elaboração de questões existenciais humanas, favorecendo uma melhor compreensão do mundo infantil e de suas angústias.

4.3 PETER PAN E LUDOTERAPIA

O psicólogo norte-americano Dan Kiley em sua obra *Síndrome de Peter Pan* (1987) descreve um fenômeno sociopsicológico que ele detectou nos jovens oficiais da Força Aérea com os quais trabalhava em aconselhamento. Segundo o autor aqueles jovens apresentavam profundas questões existenciais relacionadas aos seus crescimentos. Deste modo, cunhou o termo *Síndrome de Peter Pan* a fim de descrever o estado de imaturidade emocional dos seus pacientes que inicialmente aparecia nas formas de ansiedade e narcisismo, culminando em desespero. Esse fenômeno, à época, foi observado majoritariamente em homens que, apesar de terem atingido a maioridade civil, consideravam-se incapazes de encarar os sentimentos e as responsabilidades da vida adulta. E na luta para esconder os seus fracassos, valiam-se do fingimento e da falsa alegria. Kiley apresenta como características desses jovens: irresponsabilidade, ansiedade, solidão, conflito relativo ao papel sexual, narcisismo, chauvinismo, crise: impotência social e desalento (após os 30 anos).

O diagnóstico realizado pelo referido psicólogo ocorreu em pacientes adultos que não conseguiam responsabilizar-se pelos dilemas da sua condição existencial humana. O nosso estudo, de modo diverso, buscou desenvolver um olhar partindo da infância, do momento em que esse tema existencial particular, o do crescimento, poderia ter começado a se formar.

Nesse sentido, iremos colacionar e discutir os resultados obtidos da pesquisa bibliográfica realizada com a finalidade de alcançar um dos nossos objetivos relacionados à importância do conto de fadas *Peter Pan e Wendy* na elaboração de temas existenciais, notadamente o relacionado ao crescimento, em um contexto de Ludoterapia na abordagem fenomenológico-existencial.

Violet Oaklander (1980) ao desenvolver um tratado de abordagem gestáltica com crianças e adolescentes apresenta a leitura de histórias de livros como ferramenta terapêutica,

podendo ser utilizada para trabalhar diversos temas de sessões. A autora acredita que as crianças respondem melhor aos livros que não são escritos especificamente com a finalidade de chegar aos sentimentos em exame. Oaklander acredita que os contos de fadas e contos populares são um material rico para o trabalho com crianças sendo-lhes atribuído muito significado psicológico. Esse tipo de leitura é bastante atraente para as crianças dado à sua origem que remete aos primórdios da humanidade e envolvem dramas existenciais humanos ao longo do tempo. Violet instrui que os contos de fadas alcançam “as emoções básicas universais: amor, ódio, medo, raiva, solidão, e sentimentos de inutilidade, isolamento e privação” (p. 114). Acrescenta que as histórias podem ser repassadas das mais variadas formas: com bonecos, representadas ou escritas, em grupo (por meio de uma reunião de narrativas).

Rodrigues e Fagali (2017), em estudo exploratório sobre o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil, de fundamento psicanalítico e da Psicologia Analítica, constataram que a mediação, por meio da narrativa de contos de fadas, pode ser uma relevante estratégia para a construção de repertórios cognitivos de crianças, uma vez que todos os itens avaliados com base no Formulário do Protocolo do Estudante sofreram alterações positivas até o fim do trabalho.

Sbardelotto e Donelli (2014) por meio de intervenção na modalidade Psicoterapia de grupos com crianças constataram que os contos de fadas foram importantes para: o acesso da problemática de cada um dos participantes do grupo; possibilitou a nomeação dos afetos; e, ao final dos encontros, as crianças obtiveram ganhos nos processos de simbolização, além de uma melhora das queixas iniciais.

Em um relato de uma experiência com oficina terapêutica de contos infantis no Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil (CAPSi) Costa, Cadore, Lewis e Perrone (2013), sob enfoque da Psicanálise, realizaram uma intervenção por meio da qual identificaram mudanças na simbolização e na socialização das crianças que participaram da oficina, além do estabelecimento de vínculo terapêutico entre os integrantes do grupo.

Outra pesquisa bibliográfica, de matriz Vygotskyana e dimensão sócio-histórica do psiquismo, aponta que por meio da mediação simbólica no imaginário da criança com deficiência intelectual, o trabalho educativo com os contos de fadas suscita benefícios significativos (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012).

Schneider e Torossian (2009), em revisão bibliográfica de abordagem psicanalítica, defendem a aplicabilidade dos contos de fada na prática clínica, consistindo em ferramentas

úteis para auxiliar no diagnóstico e tratamento de crianças em atendimento psicológico, como forma de expressão e simbolização do sofrimento.

Rosa (2008), em reflexão crítica das abordagens: Psicanálise e Psicologia Analítica, concluiu que a saga de Harry Potter pode sustentar novos traços identitários a partir de novas condições de subjetivação ao demonstrar a importância de deixar de lado aspectos mais imaturos da personalidade para lentamente assumir novos papéis por meio das lutas que encabeça.

Os resultados obtidos em oficinas literárias com crianças em risco psicossocial, tendo como método a avaliação-intervenção psicológica, sugerem a eficácia da intervenção realizada, contribuindo para fundamentar cientificamente o desenvolvimento de oficinas literárias com crianças de rua auxiliando na diminuição do estresse, aumento no grau de empatia de crianças em situação de risco psicossocial, favorecendo os seus desenvolvimentos socioafetivos (PEÇANHA, 2007).

O estudo de caso em Psicoterapia infantil mediada por contos infantis, na perspectiva do Psicodrama, realizado por Lopes e Dellagiustina (2017), apresenta o embasamento teórico e o caso clínico de uma criança que chegou para atendimento e tinha agressividade como queixa principal. E, ao final, observou-se a diminuição das respostas repetitivas, conservadas, bem como de incremento de respostas inéditas e criativas, a partir de um aumento da espontaneidade como catalisador desse processo criativo.

O estudo exploratório por meio da prática mediada por contos de fadas de Ferreira e Vectore (2014), do tipo intervenção mediacional, concluiu que a mediação de contos de fadas pode ser uma relevante estratégia para a construção de repertórios cognitivos de crianças.

Finalmente, a intervenção psicopedagógica escolar sobre como as narrativas podem contribuir para explorar o bem-estar psicológico e emoções positivas em crianças de idade escolar de Ruini, Vescovelli, Carpi e Masoni (2017), sob o enfoque da Psicologia Positiva, permitiu obter informações úteis quanto ao bem-estar das crianças e produziu um *feedback* positivo. A pesquisa sugere que a inclusão de contos de fadas no currículo das escolas primárias pode tornar-se a ferramenta mais recomendada na promoção de bem-estar, resiliência e desenvolvimento em crianças e populações jovens.

Diante do exposto e conforme a bibliografia apresentada podemos verificar a aplicabilidade dos contos de fadas, principalmente o conto de fadas *Peter Pan e Wendy*, objeto da nossa investigação, ao atendimento clínico infantil de abordagem fenomenológico-existencial tendo em vista que a literatura demonstra como satisfatória a utilização dos contos

em vários contextos terapêuticos, nas mais diversas abordagens teóricas da Psicologia, tanto a nível individual quanto grupal, em diferentes idades que compreendem a infância e gêneros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância é uma importante fase do desenvolvimento humano servindo de fundamento às demais. Apesar de hodiernamente nutrirmos o sentimento da infância e tentarmos preservá-la ao máximo, inevitavelmente as crianças irão se deparar com conflitos peculiares à sua existência. Deste modo, um dos problemas que podem surgir está relacionado ao crescimento, na transição para as demais etapas do desenvolvimento humano. Os contos de fadas mostram-se um dispositivo rico no sentido de auxiliar as crianças na elaboração dos sofrimentos existenciais vivenciados no processo de florescimento. E no tocante ao crescimento o conto de fadas *Peter Pan e Wendy* de J. M. Barrie (1988) mostra-se particularmente relevante, haja visto que apresenta a vida de um menino que se recusa a crescer, decidindo morar na Terra do Nunca para sempre.

Em virtude disso, esta pesquisa conclui que os contos de fadas, singularmente *Peter Pan e Wendy*, consistem em instrumentos capazes de auxiliar o psicoterapeuta na compreensão dos conflitos existenciais trazidos pela criança no processo de Ludoterapia facilitando a elaboração de questões existenciais infantis, porquanto os contos de fadas já são utilizados - obtendo resultados satisfatórios - em atendimentos ludoterápicos, conforme revisão bibliográfica realizada; o conto de fadas *Peter Pan e Wendy* apresenta os temas existenciais liberdade, solidão, essência, existência, morte, *ser-no-mundo* e sentido da vida - com enfoque à escolha existencial de não crescer, consoante à análise apresentada - pertinentes à compreensão das dificuldades com as quais as crianças têm que lidar no seu processo de amadurecimento e ao suporte na elaboração dessas demandas pelo psicoterapeuta.

Ademais esta pesquisa não visa ser conclusiva, mas apenas apontar possibilidades para o desenvolvimento do raciocínio clínico existencial no atendimento a crianças, bem como da abertura à análise dos principais temas existenciais em outros contos de fadas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Heliana Castro; EMMEL, Maria Luisa Guillaumon. Abordagem bioecológica e narrativas orais: um estudo com crianças vitimizadas. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, p. 85-100, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.
- ANAF, Claudia; MENICHETTI, Dagmar; EVANGELISTA, Roberto. O ludodiagnóstico no contexto jurídico. In: AFFONSO, Rosa Maria Lopes (Org.). **Ludodiagnóstico [recurso eletrônico]**: investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 207-224.
- ANDRADE, Larissa Cristina Silveira de; HUEB, Martha Franco Diniz; ALVES, Carolina Martins Pereira. Era uma vez... um estudo de caso sobre histórias e estórias adotivas. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 34, n. 1, p. 173-183, Mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2017000100173&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.
- ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Psicoterapia Existencial: noções básicas**. 15. ed. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2018.
- ANGERAMI, Valdemar Augusto. A compreensão infantil a partir de filmes. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). **O atendimento infantil na ótica fenomenológico-existencial**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017. p. 3-18.
- ARAUJO, Greicy Boness de; SPERB, Tania Mara; BITTENCOURT, Hélio Radke. Termos mentais na contação de histórias e a teoria da mente das crianças. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 32, n. 4, e32427, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000400207&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanaraba, 1986.
- BARRIE, James Matthew. **Peter Pan e Wendy**. Tradução Hildegard Feist. Ilustrações Michael Foreman. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1988.
- _____. **Peter Pan in Kensington Gardens**. Illustrated by Arthur Rackham. Read books Ltd, 2016.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Arlene Caetano. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- BORGES, Ruth Carolina Gonçalves. Conflictos psíquicos en la infancia y cuentos de hadas: los cuentos infantiles como dispositivo de intervención en la práctica clínica. **Subjetividad y procesos cognitivos**, v. 19, n. 1, p. 131-148, 1852-7310, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339641097008>>. Acesso: 14. out. 2019.
- BRUNELI, Vânia Midori. O autoconhecimento da criança em psicoterapia infantil na ótica fenomenológico-existencial. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). **O atendimento**

infantil na ótica fenomenológico-existencial. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017. p. 51-79.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil.** 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; MACHADO, Gislaine Marquini; SADE, Rossana Maria Seabra. Contos de fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 34, p. 158-185, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752012000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

CASTRO, Maria da Graça Kern. Psicoterapia de grupo com crianças mediada por contos. In: CASTRO, Maria da Graça Kern; STÜRMEER, Anie. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2009. p. 216-237.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise.** 4. ed. São Paulo: Quíron, 1987.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Alice Moreira et al. Oficina terapêutica de contos infantis no CAPSi: relato de uma experiência. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 235-249, jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial.** São Paulo: Vetor, 2000.

_____. Aspectos teórico-práticos na Ludoterapia. **Fenômeno Psi**, p. 4, 1997.

FERREIRA, Juliene Madureira; VECTORE, Celia. Contos de fada e intervenção mediacional: a construção de repertórios cognitivos para narrativas. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 155-176, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

FONOFF, Fernanda Mara Colucci; COLUCCI, Regina de Baptista. Os heróis, as princesas e o imaginário infantil. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 41, n. 75, p. 269-283, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000200020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Tradução Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina, 1987; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade.** Tradução Octávio Alves Velho. 14. ed. Rio de Janeiro: Sahar Editores, 1983.

GIL, Carlos Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927), 1989.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

KAHHALE, Edna Maria Peters. Fenomenologia: fundamentos epistemológicos e principais conceitos. In: KAHHALE, Edna Maria Peters (Org.). **A diversidade da psicologia**: uma construção teórica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 175-193.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Vozes de Bolso).

_____. **O desespero humano**. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

KILEY, Dan. **Síndrome de Peter Pan**. 13. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1987.

LEITE, Renata Franco. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 43, p. 139-144, jul. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 29 ago. 2019.

LOPES, Ivone; DELLAGIUSTINA, Marilene. Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: estudo de caso na perspectiva do Psicodrama. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 28-37, jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932017000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

MAY, Rollo. **A procura do mito**. Tradução Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Manole, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-21.

OAKLANDER, Violet. *Descobrimo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. Tradução de George Schlesinger. Revisão da ed. e direção da coleção de Paulo Eliezer Ferri de Barros. São Paulo: Summus, 1980.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano [recurso eletrônico]**. Tradução Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.]. Revisão Técnica Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... [et al.]. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEÇANHA, Dóris Lieth. Oficinas literárias com crianças em risco psicossocial. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 83-94, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

PIRES, Luísa Puricelli; FACCHIN, Tatiana Helena José. A Bela e a Fera: uma análise psicológica da personagem Bela. **Aletheia**, Canoas, n. 33, p. 45-55, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. [S.I.] Brasiliense, 1996.

RODRIGUES, Marina Lara; FAGALI, Eloisa Quadros. "Era uma vez... um medo que não queria ir embora: o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil". **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 25, n. 26, p. 57-69, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542017000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos: 14 out. 2019.

ROSA, Daniela Botti da. Harry Potter e o sujeito da pós-modernidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 480-493, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

RUINI, Chiara et al. Exploring psychological well-being and positive emotions in school children using a narrative approach. **Indo-Pac. j. phenomenol. (Online)**, Grahamstown, v. 17, n. spe, p. 1-9, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1445-73772017000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução e notas Paulo Perdigo. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SBARDELOTTO, Flavia Cambuzzi; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 37-48, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

SEABRA, Silvia Lorenzoni Perim; ROSSETTI, Claudia Broetto. Aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil: investigação por meio de um conto de fadas em versão multimídia. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 133-148, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de et al. Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana. **PsicoUSF**, Itatiba, v. 13, n. 2, p. 265-276, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 08 out. 2019.

_____. Relações entre aspectos afetivos e cognitivos em representações de contos de fadas. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 58, n. 129, p. 227-242, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. **Boletim de psicologia**, v. 55, n. 123, p. 205-232, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v55n123/v55n123a07.pdf>>. Acesso: 14 out. 2019.

_____. Simbolismos infantis e a mágica dos contos: uma compreensão piagetiana. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, p. 327-336, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 14 out. 2019.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. Tradução Maria Christina Penteado Kujawski. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **A interpretação dos contos de fadas**. Tradução Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. Revisão Técnica Ivo Stornioio. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância**. Tradução Jane Maria Corrêa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Coleção Psicologia Psicanalítica).

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.